



# **EDUCAÇÃO INTEGRAL/EDUCAÇÃO INTEGRADA E(M) TEMPO INTEGRAL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**Mapeamento das experiências de jornada escolar  
ampliada no Brasil: Estudo Qualitativo**

**Santarém - PA**

**UFMG  
AGOSTO DE 2010**

## **EXPEDIENTE**

---

### **MEC**

#### **Ministro de Estado da Educação**

Fernando Haddad

#### **Secretário Executivo**

José Henrique Paim Fernandes

### **SECAD**

André Lazaro

#### **Diretoria Educação Integral, Direitos Humanos e Cidadania (DEIDHUC)**

Jaqueline Moll

#### **Equipe da pesquisa na UFMG**

Lúcia Helena Alvarez Leite - Professora Doutora  
Tânia de Freitas Resende - Professora Doutora  
Elvira Maria Alvarez Leite - Mestre em Educação  
Marília Barcellos Guimarães - Mestre em Psicologia  
Levindo Diniz Carvalho - Mestre e Doutorando em Educação  
Fernanda Silva de Oliveira - Mestranda em Educação

Bárbara Bruna Moreira Ramalho - Graduanda em Pedagogia  
Camila Raquel Benevenuto de Andrade - Graduanda em Pedagogia  
Kassiane dos Santos Oliveira - Graduada em Pedagogia  
Mayara Azevedo Martins - Graduanda em Pedagogia  
Natália Fraga Carvalhais - Graduada em Pedagogia  
Paulo Felipe Lopes de Carvalho - Graduando em Geografia

#### **Equipe responsável pelo trabalho de campo e elaboração do relatório de Santarém**

Bárbara Bruna Moreira Ramalho - Graduada em Pedagogia  
Fernanda Silva de Oliveira - Mestranda em Educação  
Lúcia Helena Alvarez Leite - Professora Doutora

#### **Projeto Gráfico, diagramação, revisão de texto e formatação**

Luiz Prazeres - Professor Doutor

## SUMÁRIO

---

<b>I - Introdução – A experiência de Santarém</b> .....	4
<b>I.1- A Educação no Município de Santarém</b> .....	6
A - O município de Santarém .....	6
1 - Geografia/História .....	6
2 - População/Economia .....	6
B - A Secretaria Municipal de Educação.....	6
<b>II – Os Projetos Que Compõem o Programa Escola da Gente</b> .....	11
A - Arte na Escola da Gente .....	11
1 - A equipe de arte educadores.....	12
2 - As oficinas desenvolvidas nas escolas .....	13
3 - As Caravanas.....	17
4 - Avanços e Desafios.....	20
B - Casinha de Leitura.....	22
1 - As Casinhas de Leitura .....	24
2 - A equipe.....	26
3 - As Parcerias.....	26
4 - As atividades do Projeto .....	27
5 - Avanços e Desafios.....	29
C - Agenda 21.....	30
1 - Metodologia de Trabalho .....	32
2 - O Projeto Agenda 21 nas Escolas.....	32
3 - Avanços e Desafios.....	33
D - Escola da Floresta .....	34
1 - Dados de Atendimento .....	35
2 - Equipe e Metodologia de trabalho .....	36
3 - Avanços e Desafios.....	37
<b>III – Considerações Finais</b> .....	39
A - A dimensão dos sujeitos.....	39
B - Espaços .....	40
C - Tempo.....	41
D - Atividades .....	42
E - Gestão e Financiamento .....	43
F - Avanços e desafios da experiência de Santarém.....	45
<b>IV – Referências</b> .....	47

## INTRODUÇÃO

### 1.1 A experiência de Santarém

#### A escolha de Santarém como um dos municípios a ser pesquisado e o desenvolvimento da pesquisa

Entre os municípios da região Norte, Santarém destacou-se por ter uma experiência consolidada em educação, com reconhecimento nacional<sup>1</sup>. Além disso, é um município que se caracteriza pela diversidade de sua população, com uma forte presença de população ribeirinha, composta também por comunidades quilombolas e indígenas, permitindo, assim, a análise de uma experiência que precisa lidar com a diversidade cultural dentro de seu município.

Os primeiros contatos foram feitos por telefone e, desde o início, houve uma enorme receptividade por parte dos funcionários da Secretaria municipal de Educação (SEMED), que se responsabilizou por todas as providências necessárias para a realização da pesquisa, tanto nos aspectos operacionais – disponibilização de veículos para locomoção, de reprodução de todos os documentos necessários e de agendamento de visitas e de entrevistas - quanto na colaboração com a pesquisa, facilitando acesso a todos os coordenadores para entrevistas, entrega de todos os documentos necessários e receptividade nas escolas visitadas.

A pesquisa foi realizada entre os dias 05 a 11 de novembro de 2009 e foi composta pelas seguintes atividades.

Data	Atividades realizadas
5/11/2009 (quinta-feira)	Entrevista com a Secretária de Educação, professora Raimunda Lucineide Conhecimento das subsecretarias, programas e projetos situados na Secretaria de Educação. Entrevista com a coordenadora do projeto Arte na Escola da Gente, professora Leina. Grupo focal com a equipe de arte educadores e coordenadores (SEMED) do projeto Arte na Escola da Gente.
6/11/2009 (sexta-feira)	Entrevista com o coordenador do projeto Agenda 21, professor Tarcísio Entrevista com a coordenadora do projeto Mais Educação, professora Jeane Visita aos projetos de Educação Ambiental no parque municipal Apreciação da peça de teatro, D. Baratinha, apresentada por alunos do projeto Arte na Escola da Gente
7/11/2009 (sábado)	Participação na mini caravana do projeto Arte na Escola da Gente na comunidade rural de Boa Esperança (região do Planalto)
8/11/2009 (domingo)	Análise do material coletado
9/11/2009	Visita à escola indígena em Alter do Chão Visita à Escola da Floresta, com acompanhamento de atividades e entrevista com coordenadores e educadores. Visita à escola Maria Amália, com acompanhamento de atividades e entrevista com professores, pais e estudantes Visita ao espaço da Camerata, com acompanhamento de atividades e entrevista

<sup>1</sup> Em 2008, Santarém foi um dos municípios selecionados para participar do prêmio Inovação em Gestão Educacional, promovido pelo INEP/MEC

Data	Atividades realizadas
	com coordenadores e educadores
10/11/2009	Visita às escolas Deputado Ubaldo Correa, Delfina de Jesus Amorim, São Francisco e São José Operário, com acompanhamento de atividades e entrevista com professores, pais e estudantes
11/11/2009	Visita à escola Conceição Figueira, com acompanhamento de atividades e entrevista com professores, pais e estudantes Entrevista com o coordenador do projeto Casinha de Leitura, professor Jefferson Entrevista com a coordenadora do projeto Estrelinhas Entre linhas, professora Rita Entrevista com a Técnica de Educação da SEMED, professora Edvana.

Além das entrevistas e visitas, foram recolhidos inúmeros materiais impressos e/ou digitalizados: documentos, relatórios, cartazes e panfletos educativos, fotos, apresentações para *power point*, etc.

A análise desses materiais, dos dados coletados nas entrevistas, nos grupos focais e nas observações de campo deu origem a este relatório, em que se descreve a experiência de Santarém no que se refere à ampliação da jornada escolar dos estudantes e à implantação de uma política educacional visando à educação integral dos sujeitos que dela fazem parte.

Este relatório está organizado em três partes. Na primeira, é apresentada a realidade do município de Santarém, com ênfase na educação e sua organização. Na segunda parte, serão apresentados e analisados alguns dos projetos e programas da Secretaria Municipal de Educação, voltados para a ampliação da jornada escolar e para a educação integral, e, finalmente, na terceira parte, serão feitas algumas considerações e reflexões apontando avanços, dificuldades e desafios da experiência de Santarém, no que se refere à implementação de uma política educacional voltada para uma educação integral em tempo integral.

É importante ressaltar que esse relatório não tem a pretensão de descrever e analisar toda a experiência de Santarém, reconhecendo, assim, os limites de uma pesquisa como essa, feita num curto espaço de tempo, e abrindo um campo para outras pesquisas, mais aprofundadas, sobre a realidade aqui apresentada.

## **I. 1- A EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SANTARÉM**

---

### **A - O município de Santarém**

#### **1 - Geografia/História**

Santarém situa-se na região Norte do país, pertencendo ao estado do Pará e é conhecida como a pérola do Tapajós. Em frente à cidade acontece o encontro das águas barrentas do rio Amazonas com as águas verdes do rio Tapajós. Dista 1.369 km de Belém, capital do Estado (807 em linha reta aproximadamente) e ocupa uma área de 22.887,08 km<sup>2</sup>, com uma população de 276.665 habitantes. O município tem oito distritos: Lago Grande do Curuai, Rio Arapiuns, Rio Tapajós, Rio Amazonas (Várzea), Eixo Forte, Rio Mojui, Rio Moju e Rio Curuá-Una. São 477 comunidades rurais distribuídas ao longo desses distritos, das quais 270 localizam-se nas regiões de Rios e das várzeas, e 207 estão na zona do Planalto. A área urbana possui 48 bairros.

#### **2 - População/Economia**

Em 2008, o IBGE/IIDESP/SEPOF estimaram a população de Santarém em 275.571 habitantes.

O setor agropecuário destaca-se na economia do município e é representado principalmente pela pesca, pela pecuária de corte e leiteira, pela agricultura, pela avicultura, e pelo extrativismo, entre outras.

Santarém, por oferecer melhor infraestrutura econômica e social (escolas, hospitais, comunicações, estradas, portos, aeroporto, indústria e comércio etc.), ter um setor de serviços mais desenvolvido e pela sua localização estratégica privilegiada, que permite a utilização dos três principais meios de transporte (o hidroviário, o rodoviário e o aeroviário), realiza mais intensamente o transporte de mercadorias e de pessoas, canalizando, portanto, a maior parte do fluxo de bens de serviços e de recursos financeiros dessa região. Uma das atividades econômicas de maior crescimento é o turismo, que tem como atrações as praias, as cachoeiras, os lagos, as excursões ecológicas na mata e as numerosas tradições e festas folclóricas.

### **B – A Secretaria Municipal de Educação**

A responsabilidade pela coordenação da política educacional do município de Santarém cabe à Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que tem como missão

implementar e desenvolver uma educação de qualidade na rede pública municipal, por meio de um processo democrático, participativo, visando à formação integral do educando para efetivo exercício da cidadania e para a construção de uma sociedade comprometida com a promoção humana” (site da prefeitura de Santarém: [www.santarem.pa.gov.br](http://www.santarem.pa.gov.br), consultado em 01/04/2010).

Nesse sentido, é importante destacar que a educação integral constitui-se o eixo central da política educacional do município, o que é reforçado pelo depoimento da atual Secretária Municipal de Educação, Raimunda Lucineide Pinheiro:

*Eu penso que educação tem que estar olhando por todos os ângulos, integral mesmo; poder olhar a criança em todas as dimensões. Isso que é*

*o grande desafio, também; foi uma oportunidade para as crianças, mas também para os professores poderem repensar o seu olhar.*

Segundo o relatório técnico da avaliação *in loco* da experiência Escola da Gente, realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), quando da outorga do Prêmio Inovação em Gestão 2008, são esses os dados da realidade educacional em Santarém, tendo como referência o ano de 2007:

**Quadro 1**  
**Indicadores de Santarém – (Setor de estatística da Prefeitura de Santarém)**

<b>SANTARÉM – PARÁ</b>																			
<b>Contexto socioeconômico</b>																			
Estimativa mais recente da população municipal												2007	274.285						
Valor do Fundo de Participação dos Municípios													39.220.474,24						
Valor da Arrecadação Municipal													185.939.937,85						
PIB Municipal Total													1.266.535.000,00						
<b>Números da Educação</b>																			
Número de estabelecimentos de ensino da rede pública municipal												2007	444						
Matrícula Total da rede pública municipal												2007	48.504						
Funções docentes* na educação básica												2007	1.970						
Percentual de docentes com curso superior												2007	48						
* O mesmo docente pode atuar em mais de um nível / modalidade de ensino e em mais de um estabelecimento																			
<b>Indicadores Educacionais – Rede pública municipal</b>																			
Taxa	Séries	Brasil				Região				Estado				Município					
		2003		2007		2003		2007		2003		2007		2003		2007			
		U	R	U	R	U	R	U	R	U	R	U	R	U	R	U	R		
Aprovação	Anos Iniciais			86,3	76,5											88,1	86,0	87,1	82,9
	Anos Finais			77,5	77,7											87,7	90,2	86,3	88,2
Distorção idade-série	Anos Iniciais			14,2	17,5											15,6	27,2	12,2	14,5
	Anos Finais			23,6	21,2											33,4	57,0	19,8	38,4
<b>Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB</b>																			
Séries	Brasil (rede municipal)				Estado (rede estadual)				Município (rede municipal)										
	2005		2007		2005		2007		2005		2007								
Anos Iniciais		3,8		4,2		2,8		2,8		3,5		3,9							
Anos Finais		3,5		3,8		3,1		2,8		3,7		3,9							

Legenda: **U = Urbano**      **R = Rural**

No relatório da Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral (SEMPPLAN/CIA 2008), pode-se perceber que, no ano de 2008, houve uma ampliação da Rede Municipal, a qual passa a contar com 457 escolas, assim distribuídas:

**Quadro 2**  
**Ampliação da rede municipal de educação no ano de 2008**

Região	nº de Escolas	Nº de alunos E.F.			Nº de alunos Projovem	Nº de alunos EJA	Nº de alunos B. Alfabetizado	Nº de alunos Creche	Nº de alunos Pré Escolar	Total Geral
		de 9 anos	de 8 anos	total						
Cidade	64	9478	12631	21839	700	2987	372	794	4175	30867
Planalto	160	1606	9771	11377	0	1234	55	40	1322	14028
Lago Grande	71	700	4670	5370	0	174	39	0	721	6304
Arapiuns	67	522	2572	3094	0	155	0	0	354	3603
Várzea	46	23	3168	3191	0	73	10	0	274	3548
Tapajós	32	291	2050	2341	0	54	0	0	303	2698
Arapixuna	17	83	869	952	0	0	0	0	122	1074
<b>Total Geral</b>	<b>457</b>	<b>12703</b>	<b>35461</b>	<b>48164</b>	<b>700</b>	<b>4677</b>	<b>476</b>	<b>834</b>	<b>7271</b>	<b>62122</b>

Fonte: Setor de estatística da Prefeitura de Santarém.

Para atender às demandas dessas escolas, a Secretaria se organiza através de Assessorias e Coordenações, Divisões e Seções. São três assessorias, duas delas atendem às especificidades regionais do município, desenvolvendo planejamento e acompanhamento das atividades administrativas e pedagógicas nas escolas das regiões a que se relacionam. São elas:

- Assessoria de Rios, na região dos rios Arapixuna, Várzea, Lago Grande, Arapiuns e Tapajós.
- Assessoria do Planalto, na região do Planalto.

Além dessas duas Assessorias, há também a Assessoria de Esporte e Lazer, que coordena programas e projetos na área de esporte e de lazer no município, incluindo a Educação Física nas escolas da Rede.

A Coordenação de Ensino tem a função de elaborar e implementar políticas educacionais, programas e projetos voltados para a educação, por meio de parcerias com entidades governamentais e não governamentais. A professora Edivana Canto, técnica de educação da SEMED, em sua entrevista, destaca a diferença de atuação das Assessorias e da Coordenação de Ensino:

*a Secretaria é dividida em assessorias e coordenações, divisões e seções, (...). Nós temos a assessoria de esporte e lazer, que trabalha com os projetos da área de esporte e da música (...); a assessoria de Rios (...) e a assessoria de Planalto (...). Além dessas assessorias, nós temos as divisões: planejamento, educação especial, educação infantil, de ensino. As assessorias são subordinadas à Secretária e as divisões à Divisão de Ensino – pelo menos as que estão na parte pedagógica, todas as divisões de ensino. Aí as seções, conseqüentemente, [estão subordinadas] à divisão de ensino. A coordenação de ensino trabalha com todas as divisões – educação infantil, educação especial estão subordinadas à divisão de ensino (...). Só que essas divisões, elas conseguiram uma autonomia; [A coordenação de ensino] coordena o trabalho central, mas as divisões*

*acabam resolvendo direto com a Secretária. As seções têm também um tipo de Gerência: a Seção de Educação de Jovens e Adultos.*

Na entrevista, a professora Edvana fala da distinção entre o trabalho das Assessorias de Rios e de Planaltos e o da Coordenação de Ensino, explicando que a Coordenação de Ensino coordena as escolas urbanas, enquanto as Assessorias fazem a coordenação das escolas dos Rios e da região do Planalto.

O organograma da Secretaria de Educação busca contemplar as diversidades de realidades, rompendo com uma organização centrada apenas nos níveis de ensino, como comumente acontece na maioria das secretarias de Educação do país. O Rio e o Planalto podem ser compreendidos como territórios educativos que trazem especificidades próprias e que passam a ser consideradas ao se construir uma política pública de educação em Santarém, o que significa dizer que uma proposta para a educação infantil ou o Ensino Fundamental, por exemplo, tem que partir da realidade dos sujeitos que, no caso de Santarém, são bem distintas. Isso fica mais evidente, se considerarmos que, dentro do organograma da secretaria, há também duas coordenadorias: a Coordenadoria de Educação Indígena e a Coordenadoria de Educação Quilombola e diversidade étnico-racial.

Essa organização ainda está em fase de consolidação, gerando ainda alguns problemas, como ressalta a professora Edvana em sua entrevista:

*As assessorias fazem as avaliações, divisões fazem as formações, todos os professores fazem as formações, todas as divisões fazem a formação, com exceção do planejamento, as seções também fazem a formação continuada. (...). Essa é uma grande questão que, eu, inclusive, tenho no planejamento desse ano, quando fomos colocar os eventos, formações, eu questionava com os assessores - por que eu trago um professor do interior e não posso dar um curso de uma semana com tudo o que eu vou trabalhar? Essa é uma preocupação que a gente está tendo já, mas é um nó ainda que a gente tem que enfrentar no que diz respeito à parte de formação, mas já tem um ... a respeito disso, a gente já está vendo isso. Outra coisa que a gente está também discutindo é publicação: se você deixar cada divisão fazer um material e publica, porque todo mundo tem muito material e aí nós colocamos que vai sair uma revista da Secretaria no final do ano e que as coordenações passem para a gente ter essa revista da SEMED, e não da coordenação.*

Pode-se constatar, nas entrevistas com coordenadores e assessores, que a Secretaria vem tentando mudar sua forma de estruturação, passando da clássica organização por níveis de ensino para uma organização centrada nos territórios. Enquanto essa mudança ainda não está totalmente estabelecida, a Secretaria parece conviver com duas lógicas organizativas.

Em relação à proposta pedagógica, a Secretaria Municipal de Educação implantou o Programa Escola da Gente, que se desdobra em uma série de projetos, tendo como referência a participação dos sujeitos e a valorização da cultura local e a preservação do meio ambiente.

Segundo a Secretária de Educação de Santarém, Raimunda Lucineide Gonçalves Pinheiro, esse programa teve como referência algumas experiências desenvolvidas com crianças, quando ainda estava na Universidade:

*(...) comecei a fazer um trabalho voluntário com as crianças lá do bairro (...) que também é meu bairro. Nós começamos a fazer um trabalho com essas crianças, 122 crianças com 13 bolsistas voluntários de vários cursos universitários (...) nas oficinas e acompanhamento pedagógico com as crianças e também com todo aquele apoio emocional para tentar ficar mais perto dessa criança, para dar um acompanhamento melhor e trabalhar um pouco a autoestima delas. E quando nós viemos para cá [Secretaria Municipal], em 2005, nós já trouxemos essa idéia, quando iniciamos esse trabalho aqui, nós reunimos um grupo de profissionais e montamos uma equipe com essa visão, que tem esse trabalho comunitário, que militou no movimento social, que conhece escola pública e tem esse compromisso com a educação. Começamos a pensar como íamos fazer um trabalho diferenciado – o que seria diferente durante nossa permanência aqui? O que poderíamos fazer que não fosse apenas uma repetição do que estava sendo feito? E como faríamos chegar essa política a essas crianças da periferia que mais precisam? (...) Então nós pensamos num programa chamado "Escola da Gente".*

O programa Escola da Gente foi construído com o objetivo de desenvolver a formação integral dos estudantes, articulando a aprendizagem escolar com a formação social, ética, estética e corporal. É o que a professora Lucineide destaca em sua entrevista:

*(...) garantir o acesso permanente com sucesso da criança na escola; melhoria da qualidade social da educação; ética na gestão dos recursos – trabalhar com transparência, fortalecimento do instrumento democrático – conselhos; humanização da escola; constituição da cultura da paz. Esses pontos que nós pegamos: incentivar a tolerância, o respeito à diversidade, valorizar o outro, valorizar a ética, a estética e a corporeidade, investir no ser e no conviver. (...) E também a nossa preocupação também com a criança na aprendizagem: todo trabalho pedagógico tem o foco na aprendizagem e sem perder de vista essa questão da humanização da escola e da criação de um ambiente (...) mais agradável para a criança.*

O Programa desdobra-se em vários projetos que buscam atingir os objetivos propostos, com ênfase em alguma dimensão da formação humana. Revelar mais profundamente alguns desses projetos é objetivo da segunda parte deste relatório

## II – OS PROJETOS QUE COMPÕEM O PROGRAMA ESCOLA DA GENTE

Dentro do programa Escola da Gente, há vários projetos, alguns são mais voltados para o meio ambiente: *Agenda 21 e Escola da Floresta*; outros com ênfase na arte, na cultura e na literatura: *Arte na escola da gente e Casinha de Leitura*; e outros mais ligados ao esporte e ao lazer: *Estrelinhas entre linhas*<sup>2</sup>. Além desses projetos, algumas escolas municipais começaram, em agosto de 2009, a fazer parte do programa Mais Educação<sup>3</sup>.

Cada projeto tem uma equipe responsável, que desenvolve uma série ações nas escolas e na cidade de Santarém.

### A - Arte na Escola da Gente

O projeto Arte na Escola da Gente tem como objetivo “tornar a escola um espaço aberto à comunidade visando à promoção da Cultura da Paz na Rede Municipal de Ensino, através de linguagens artísticas como a dança, o teatro, a música, as artes plásticas, a poesia, a literatura infantil, dentre outros, entrelaçando família, escola e comunidade” ([www.santarem.pa.gov.br](http://www.santarem.pa.gov.br), acessado em 01/04/2010).

Segundo a Secretária de Educação, o projeto nasceu da experiência do projeto “Arte na Escola”, desenvolvido por ela e por um grupo de voluntários, e que foi implantado na Rede Municipal, em 2005, quando ela assume a Secretaria de Educação:

*O projeto que acontecia nas escolas que era o “Arte de Viver” passou a se chamar “Arte na Escola da Gente” que foi o primeiro que trouxemos para a Rede. Começamos no primeiro semestre, passando de 122 crianças para 575 e terminamos com mais de 2000 crianças. Aí, a gente foi tomando conta da Rede.*

O projeto acontecia em diversos espaços e aos poucos foi sendo reconhecido pelas famílias e pelos professores, como explica a professora Lucineide:

*Era nas escolas no contraturno ou nas comunidades ou próximo. Não tinha lugar na escola, mas tinha uma Associação de Moradores. Aí começamos a trabalhar em parceria com a comunidade: na Igreja, ou no barracão comunitário e deu certo a parceria. Antes nós tínhamos voluntários e quando viemos para aqui, nós contratamos artistas plásticos, os melhores daqui, e também pedagogos que acompanhavam, pois o nosso foco era a questão pedagógica. E começamos a fazer as caravanas de arte para a zona rural. Começamos com mosaico, violão, teclado, artesanato, cerâmica, dança contemporânea, regional, artes plásticas, arte têxtil, canto e coral e temos a alegria de estarmos começando uma camerata, prêmio do Arte na Escola do ano passado, e investimentos em instrumentos musicais. Começamos fazendo oficinas com as crianças desde pequeninhas (educação infantil), no teatro, na música, o festival a cada ano para levar as crianças a uma convivência com a música, aprender a apreciar a música brasileira, regional. Através desse trabalho, começamos*

<sup>2</sup> Apesar de termos feito entrevista com a coordenadora do Projeto, optamos por não incluí-lo neste relatório, já que não pudemos acompanhar alguma atividade do Projeto ou entrevistar outros educadores, além da coordenadora.

<sup>3</sup> O programa Mais Educação começa a ser implantado no município a partir de agosto de 2009 e, apesar de termos entrevistado a coordenadora do Programa e visitado uma experiência, decidimos não incluí-lo neste relatório, por considerar que o programa ainda é muito incipiente.

*a conhecer muitas famílias, porque a família fica muito impressionada com o reflexo do trabalho na vida da criança, ele mudava em casa também. Às vezes aquela família não sabia que aquela criança podia tocar ou cantar muito bem e, às vezes, ela não era vista de forma muito boa, mas quando viam que ela tinha talento, passavam a olhar diferenciado para aquela criança e também na escola. Num primeiro momento, a escola sempre queria pagar para ver, ver se ia dar certo; primeiro porque o pessoal acha que vai ter mais trabalho, porque você acaba demandando mais tarefas, mais responsabilidades. Eu penso que educação tem que olhar por todos os ângulos, integral mesmo; poder olhar a criança em todas as dimensões. Isso que é o grande desafio, foi uma oportunidade para as crianças, mas também para os professores poderem repensar o seu olhar.*

Segundo dados da SEMED, em 2005, o projeto atendeu 2.211 alunos. Em 2006, foram atendidos 6.003 alunos, sendo 4.000 com atividades regulares em 23 Escolas da Zona Urbana e 03 da Zona Rural, e 2.003 com as 05 caravanas realizadas em 48 Escolas da Zona Rural (Rios e Planalto). Em 2007, atendeu 3.024 alunos (453 em minicaravanas e 2571 oficinas regulares), sendo 54 escolas atendidas, assim distribuídas: 29 na zona urbana; 16 na zona de Planalto e 07 na zona de Rios.

Atualmente, segundo dados apresentados pela SEMEC até o primeiro semestre de 2009, foram atendidos 2.613 distribuídos entre alunos regulares, alunos da EJA e professores.

## **1 - A equipe de arte educadores**

Para atingir seus objetivos, o projeto Arte na Escola da Gente trabalha com atividades artísticas de naturezas diversas, contando com uma equipe de coordenadores e arte educadores, que, em 2009, chegou a um total de 30 (trinta) sujeitos, entre os quais 6 (seis) estão em cargos de coordenação, sendo os demais arte educadores. São eles, em geral, pessoas com grande experiência no campo artístico em que atuam, havendo, portanto, uma característica de identificação e relativa militância em relação aos objetivos do projeto. É o que se pode perceber nos depoimentos a seguir:

*Ouvindo a fala do Cândido e do Sebastião, vejo que temos uma coisa comum a todos nós, fazemos parte de um movimento artístico, mas também que, quando a gente começa a trabalhar com arte na escola e nós repassamos aquilo que nós fazemos para eles, a nossa arte, e a gente vê a dedicação das crianças, a mudança dessas crianças na escola, vemos o reconhecimento de cada um (...). E a gente percebe que cada arte educador trabalha com orgulho de estar ali, com prazer de estar ali com as suas crianças, quando a gente vê o resultado nas apresentações das nossas crianças, o que cada criança passa e a oportunidade que têm essas crianças, a felicidade e carinho entre criança e educador, e o que cada educador e a coordenação que está aí, é uma dedicação muito forte que nós temos. É isso. (Arte educadora).*

*Então, para mim é muito bom trabalhar com isso, eu gosto muito de trabalhar com eles, e saber que eu estou tirando muitos jovens que poderiam estar na rua fazendo coisa errada e hoje estão trabalhando com a gente lá, estão participando, eu fico muito contente. (Eduardo, arte educador)*

*A gente chega lá e vê, dou aula (...) às 8 horas da manhã e a gente chega tem aluno esperando desde as 7 horas... estão esperando ansiosos pela aula. É bem gratificante. (Fabiano, arte educador)*

A respeito da seleção desses sujeitos, anualmente, a SEMED recolhe currículos que são avaliados, considerando tanto a trajetória dos candidatos no campo artístico, quanto sua experiência em docência. A partir disso, os selecionados são contratados em um regime de trabalho de vinte horas semanais, distribuídas entre três e quatro horas diárias, no primeiro caso, trabalhando aos fins de semana e, no segundo, não. Os contratos têm duração de um ano, mas, quase sempre, depois de passado um ano, os mesmos arte educadores são novamente contratados.

No que tange à formação desses sujeitos para o trabalho, quando de seu ingresso, é ofertada uma formação e, no decorrer do ano, eles passam a ser acompanhados e avaliados em reuniões periódicas, prática repetida ao final do contrato, já que os resultados serão norteadores do planejamento do ano seguinte.

O projeto Arte na Escola da Gente desenvolve suas atividades através de oficinas nas escolas da área urbana e de caravanas nas escolas das regiões de Rios e de planalto.

## **2 - As oficinas desenvolvidas nas escolas**

Em 2009, o Projeto desenvolveu as seguintes oficinas nas escolas localizadas na zona urbanas do município: canto-coral, violão, teclado, flauta doce, flauta transversal, dança regional e contemporânea, teatro, artes plásticas, cerâmica, artesanato, mosaico, percussão.

Quando da realização da pesquisa, tivemos acesso apenas ao número total de sujeitos atendidos durante o primeiro semestre de 2009, o que corresponde a 2.613 atendimentos, sendo distribuídos da seguinte forma:

**Quadro 3 - Distribuição geral atendimento primeiro semestre 2009**

<b>Modalidades artísticas</b>	<b>Escolas atendidas</b>	<b>Oficinas realizadas</b>	<b>Total de atendimentos</b>
Teatro	Região urbana 32	28 oficinas regulares	554 alunos oficinas regulares
Dança regional Dança contemporânea		02 oficinas aos sábados	15 alunos oficinas aperfeiçoamento
Pintura Cerâmica Artesanato	Região planalto 01	24 oficinas EJA	85 alunos caravanas integradas
Canto coral Flauta doce		02 professores EJA	1.941 alunos da EJA
Flauta transversal Teclado Violão		03 "Ações Globais"	18 professores
Mosaico Percussão		04 Caravanas	
	Região Rios 01		
<b>Total: 13</b>	<b>34</b>	<b>63</b>	<b>2.613</b>

A seguir, é apresentado quadro detalhado com as atividades realizadas nas oficinas regulares ofertados para alunos das Escolas Municipais.

**Quadro 4 - Projeto Arte na Escola da Gente – Calendário de atendimento  
1º Semestre ANO 2009**

NOME DAS ESCOLAS	MODALIDADE	HORÁRIO	S	T	Q	Q	S	S	Nº DE ALUNOS
E.M.E.F. SERGIO HENN	TECLADO	M	X	X		X	X		12
E.M.E.F. Pe. MANOEL ALBUQUERQUE	CANTO CORAL	M	X		X		X		20
E.M.E.F. PRINCESA IZABEL	CANTO CORAL	T	X	X					35
		T	X	X					
		M						X	
E.M.E.F. BRIGADEIRO EDUARDO GOMES	VIOLÃO	T/N	X	X	X				24
E.M.E.F. ROTARY	FLAUTA TRANSVERSAL	M	X	X	X	X			12
E.M.E.F. SOFIA IMBIRIBA	FLAUTA DOCE	T		X		X	X		
E.M.E.F. MARIA AMALIA	FLAUTA DOCE	M	X	X		X			22
		M	X						
		T		X	X				
E.M.E.F. FATIMA – LAGUINHO	PERCURSSÃO	M	X	X	X				
E.M.E.F. CESAR RAMALHEIRO e E.M.E.F. DEUZUITA DE JESUS AMORIM	TEATRO	M	X		X		X		23
E.M.E.F. PRINCESA IZABEL	TEATRO	M		X		X			
E.M.E.F. MAGALHÃES BARATA	TEATRO	M			X	X	X		21
E.M.E.F. FREI RAINERIO	TEATRO	T	X		X				11
E.M.E.F. PEROLA DO MÁICA	CERAMICA	M			X	X	X		22
E.M.E.F. MARIA DE JESUS AMORIM	CERAMICA	M	X	X					23
E.M.E.F. HELENA LISBOA	ARTESANATO	M	X	X	X	X	X		10
E.M.E.F. CONCEIÇÃO FIGUEIRA	ARTESANATO	M	X		X		X		60
E.M.E.F. SOFIA IMBIRIBA	DANÇA CONTEMPORANEA	M		X		X			18
E.M.E.F. PAULO RODRIGUES	DANÇA REGIONAL	M		X		X			25
E.M.E.F. EVERALDO DE SOUSA MARTINS	DANÇA REGIONAL	M	X		X				17
		T	X		X				19
E.M.E.F. HELENA LISBOA	DANÇA REGIONAL	M		x		X			25
E.M.E.F. NAZARÉ DEMETRIO MUSSI	DANÇA REGIONAL	M					X		
E.M.E.F. UNIÃO LIBERTADORA	PINTURA	T		X			X		18
E.M.E.F. JARBAS PASSARINHO	PINTURA	T	X		X	X			32
E.M.E.F. NAZARÉ DEMETRIO MUSSI	PINTURA	M	X		X		X		40
E.M.E.F. SÃO JOSÉ OPERARIO	PINTURA	T		X		X			20
E.M.E.F. IRMÃ LEODGARD	PINTURA	M	X		X		X		17
E.M.E.F. DELFINA DE JESUS AMORIM	PINTURA	M	X	X	X	X	X		22
<b>24 ESCOLAS ATENDIDAS</b>	<b>13 MODALIDADES</b>	<b>TOTAL DE ALUNOS</b>						<b>554</b>	

Fonte: SEMED/Santarém, 2009.

Algumas oficinas atendem a alunos da Educação Infantil e da Educação de Jovens e Adultos, mas a maioria está dirigida a estudantes do Ensino Fundamental.

A seleção das escolas é feita anualmente, entre as que solicitam à SEMED a implantação do projeto, sendo que a escolha considera a existência de outros projetos, bem como se o Arte na Escola já aconteceu nessa escola em outro momento. No princípio, com objetivo de atender a um maior número de instituições, as oficinas eram desenvolvidas por um período variável entre um a três meses, entretanto, atualmente, têm duração anual. É o que informa uma das coordenadoras do Projeto:

*No início do ano, a gente tem reunião com os diretores que querem e com os que têm oficina. Então o SEMED recebe as propostas e a gente vai fazendo o calendário, porque já temos todo o calendário das que a gente atende, pois no começo do projeto ficávamos só um mês na escola. (Leina, Coordenadora do projeto).*

De acordo com os arte educadores, apesar de se atingir mais escolas, o tempo de três meses era pequeno para o desenvolvimento do trabalho:

*Inicialmente a gente trabalhava dois meses numa escola, usamos essa metodologia por 4 anos, mas sempre a gente questionava tem que mudar, aí nós tentamos ...(...), toda a equipe mudar essa metodologia e ficar um semestre na escola e depois se viu a possibilidade de fazer o ano inteiro e, a partir daí, trabalhar dessa maneira e observamos que dessa maneira dá resultado. (Sebastião, arte educador)*

*Antes nós trabalhávamos dois meses, esses dois meses tinham resultado e agora que nós estamos com um ano em cada escola o resultado é bem maior. (Arte educadora)*



Foto 1: Oficina de mosaico- arquivo Semed



Foto 2: Oficina de artes- arquivo Semed



Foto 3: oficina de artesanato- arquivo Semed

Atualmente, a dinâmica consiste na oferta de duas oficinas em cada instituição, realizadas duas vezes por semana por um período de três horas. Assim, as atividades podem ser realizadas tanto no turno regular quanto no contraturno. Também devido a limitações do número de arte educadores, bem como de espaços disponíveis nas

instituições para realização das atividades, o número de alunos atendidos em cada oficina é reduzido:

*No máximo, a gente atende 40 alunos, mesmo porque as escolas não têm muito espaço, porque é na escola e não dá para levar os alunos fora. Se a escola tiver uma sala disponível naquele horário, a gente ocupa, se for na área da merenda, a gente faz logo depois no espaço ou debaixo de uma árvore – esses são os espaços. Desde que o projeto começou este ano foi a 1ª. Vez que tivemos uma sala de verdade, tudo bonito numa escola que a diretora conseguiu, nas outras não: é na quadra, na merenda, no sol quente (...) depois vem a merenda, tem que parar para merendar, recolhe todo o material... totalmente mambembe. A gente, às vezes, faz o impossível, porque tem que fazer. (Leina, Coordenadora do projeto)*

O princípio para participação dos alunos nas oficinas é a adesão, ou seja, anterior à implantação da atividade na escola, os pais são reunidos e aqueles que apresentam interesse matriculam seus filhos. Há, entretanto, situações em que a procura por vagas é maior do que a oferta. Nesses casos, em geral, os alunos com menor rendimento escolar são encaminhados para participarem das atividades, como explica a coordenadora do projeto:

*A gente orienta que a escola pegue as crianças que queiram fazer; o diretor marca reunião com todos os pais. Nessa reunião, ele conta das oficinas e abre a discussão. Aí fecha a turma e pronto! Algumas escolas já direcionam e escolhem as oficinas para as crianças com rendimento baixo, com baixa frequência. (Leina, coordenadora do projeto)*

Apesar de a equipe de arte educadores não fazer parte do quadro de educadores das escolas, há uma tentativa de aproximação com a instituição escolar por parte da coordenação do projeto. Um primeiro aspecto que aponta para esse movimento é a existência de um acompanhamento dos alunos participantes das atividades em sua vida escolar, não se restringido às atividades do Arte na Escola. Para isso, foram criadas planilhas para acompanhamento das notas desses alunos durante o ano, por bimestre, bem como a sua frequência. Além desse aspecto, o relato da coordenação e de alguns arte educadores aponta para essa tentativa de proximidade.

*A gente faz o acompanhamento pedagógico, se a criança está com dificuldade de aprendizado, para a oficina também ajudar com o reforço, até como uma garantia de ela continuar na oficina. Como numa oficina eu posso ter meninas de 3ª., 4ª series, com idades diferentes, a gente faz um acompanhamento um a um, por um período de 6 meses, enquanto a oficina durar... Um aluno vai ajudando o outro, a gente também conta com isso. (Leina, coordenadora do projeto)*

Ainda assim, segundo essa coordenadora, há docentes e diretores que apresentam relativa resistência em relação à participação de certos alunos nas atividades:

*A gente ouve alguns professores, diretores acharem que eles ficam fazendo oficina, ao invés de fazer mais aulas; deviam estar em aula porque são ruins nas matérias, ao invés de fazer teatro (Leina, Coordenadora do projeto)*

Na perspectiva da coordenação e dos arte educadores, tal aproximação só será alcançada a partir do maior envolvimento dos professores com as oficinas, pois, ao estarem acompanhando as atividades, quando chegasse o fim do tempo previsto para essas oficinas em suas instituições, estariam aptos a continuar o trabalho com os alunos.

Contudo, durante as visitas e nas entrevistas com professores da escola e com os arte educadores, foi possível perceber uma grande aceitação do projeto por parte das escolas. Ao relatar a forma de funcionamento do projeto e de sua experiência diária, em cuja escola se empenhou em ceder o espaço da sala dos professores para que fosse construído um ambiente propício para o aprendizado de música, um dos arte educadores relata:

*Quase não se vê diferença entre as pessoas do projeto e da escola... Isso é muito legal!”(Fabiano, arte educador).*

Semelhante a esse, é o depoimento de uma arte educadora, responsável pela oficina de dança, ao relatar o convite feito a ela para auxiliar na construção do Projeto Político Pedagógico em uma das escolas em que desenvolve a atividade.

*A toda escola que eu vou eu gosto de me informar com os professores porque a gente tem esse apoio, e hoje eu recebi um convite do diretor para fazer parte do Conselho e participar da reunião para discutir o projeto pedagógico da escola e eu não tenho experiência, porque o educador, o profissional de Educação Física nunca está presente construindo esse projeto pedagógico da escola, porque é muito difícil encontrar esse apoio e é importante para toda escola esse projeto pedagógico, que todos os professores estejam presentes e ele me convidou e eu fiquei muito feliz e agradei a ele porque eu tenho tantas sugestões, né?! (Márcia, arte educadora)*

O contato dos arte educadores com a família e com o bairro é outro aspecto destacado pela coordenadora do Projeto:

*No final do ano, a gente fala com o diretor, mas o nosso contato maior é com a criança mesmo e a comunidade, a casa dela. Tem arte educador que vai visitar a casa ,e às vezes, conhece o bairro todo; tem educador que fica só na oficina dele e tem outros que vão na casa e conhecem os pais da criança; fazem oficina com os pais também, para conquistar os pais: dá teatro para os alunos e através da EJA dá oficina de artesanato para os pais de bairro pobre, que se quiserem aprender podem vender e ter uma geração de renda para as mães. Essa experiência deu resultado: já estão produzindo e vendendo. Contatamos os pais por meio da reunião com eles; a oficina acontece num dia extra (não no dia da oficina das crianças).*

Se o trabalho nas escolas urbanas desenvolve-se através das oficinas, nas regiões de Rios e de Planalto, acontece através das Caravanas.

### **3 - As Caravanas**

As Caravanas têm o objetivo de levar o projeto Arte na Escola da Gente às comunidades ribeirinhas e rurais de Santarém. Apesar de acontecer de forma esporádica, possuem

uma abrangência maior, atingindo todos os estudantes, sendo também aberta à comunidade.

No caso das caravanas, o seu tempo de duração é de três dias e, em geral, são realizadas nos fins de semana. As minicaravanas têm a duração de um dia apenas.

A respeito da dinâmica de funcionamento, todos os arte educadores são reunidos e deslocados para a região escolhida, onde desenvolvem suas oficinas em uma escola polo, uma instituição escolhida em uma determinada região, mas podendo atender também a alunos de outras localidades.

Durante a realização da pesquisa, foi possível participar de uma minicaravana com a equipe do projeto para uma comunidade rural. O seguinte relato, retirado do caderno de campo, retrata a experiência:

*Iniciamos nosso trabalho em Santarém em uma quinta-feira, dia em que nos reunimos com os arte educadores em um grupo focal, que, posteriormente, se transformaria em uma reunião com a coordenação. Nela, entre outras coisas, os coordenadores foram informados de que no sábado subsequente iriam realizar uma minicaravana. Um primeiro passo foi a verificação da disponibilidade de cada um para estar presente na atividade. Após alguns impasses, a equipe foi formada.*

*No sábado, o horário agendado para a partida, em frente à SEMED, foi sete horas da manhã, alguns chegaram pontualmente; outros não, mas todos precisaram aguardar a chegada do ônibus. Assim que o ônibus foi estacionado, iniciou-se o carregamento dos materiais para a realização das oficinas e alimentos. Chegamos à escola onde havia muitos alunos de idades variadas, da Educação Infantil aos últimos anos do Ensino Fundamental, além de pais e comunidade – constituindo-se, portanto, uma experiência valiosa tanto para observação, quanto para dialogar com esses sujeitos.*

*Após a chegada no local, os arte educadores ocuparam as salas e os alunos, que haviam se inscrito anteriormente nas oficinas, foram direcionados para as atividades. Um primeiro fator a ser destacado é a visível maior adesão dos alunos por algumas atividades em detrimento de outras, como é o caso das oficinas de artes plásticas em relação às de música, mais precisamente canto-coral. Assim, havia duas salas com grupos maiores de pessoas, realizando a primeira atividade e apenas um pequeno grupo, a segunda.*

*As atividades estenderam-se até o fim da manhã, quando os alunos retornaram às suas casas, para que pudessem almoçar. Por volta das 14 (quatorze) horas, retornaram para reiniciarem as atividades e, ao fim da tarde, todos os grupos apresentaram suas produções que corresponderam a: exposição das esculturas em argila e painéis produzidos nas oficinas de artes plásticas, teatro, dança e canto desenvolvidos em suas respectivas oficinas. (Diário de campo)*



Foto 4: Oficina de artes- Caravana



Foto 5: Oficina de cerâmica



Foto 6: Oficina de artesanato

Com o acompanhamento das atividades da minicaravana, foi possível compreender a dinâmica do trabalho e observar o envolvimento dos alunos, dos professores e da comunidade como um todo. Em relação ao uso do espaço, de modo geral, as atividades restringiram-se ao ambiente escolar, ainda que, em algumas oficinas, os alunos caminharam pelos arredores da escola, buscando matéria prima natural para seus trabalhos.

Não havia nenhuma restrição à circulação dos alunos, que, muitas vezes, trocavam de oficinas, sem que isso significasse qualquer transtorno para a dinâmica dos trabalhos.

O tempo das oficinas era ditado pelo ritmo de cada atividade, não se configurando como uma imposição. Os alunos que terminavam sua atividade não eram obrigados a permanecer no espaço determinado e, no intervalo do almoço, cada arte educador (a) liberava os alunos de acordo com o desenvolvimento dos trabalhos.

Os elementos que se destacaram nessa experiência foram a presença e a participação efetiva da comunidade, estando ali presentes pais e moradores do bairro.

A direção da escola teve função importante na organização da caravana, já que foi dela a responsabilidade de organizar o espaço, a lista de participantes, a merenda, entre outros quesitos. Os professores, entretanto, tiveram pouca participação na organização das oficinas, revelando falta de articulação da equipe de arte educadores do projeto com os professores da escola, inclusive com os que ministram a disciplina de Artes e Educação Física.

Mesmo com desafios ainda a ser superados, constatou-se que o Projeto Arte na Escola da Gente tem uma grande aceitação dos alunos, dos professores e dos pais, percebida tanto nas observações realizadas nas quais a comunidade, costumeiramente, se fazia presente nas oficinas e caravana, quanto nas falas dos entrevistados como, por exemplo, na da

arte educadora Maria, responsável pela oficina de artesanato, ao relatar a dinâmica de seu trabalho:

*Ultimamente estamos numa escola, onde trabalhamos na geração de renda, com os alunos a gente trabalha com essas técnicas; já com as mães da comunidade e a comunidade em geral nós trabalhamos a geração de renda, aprendendo a fazer colar, brinco, passadeira, (inaudível) como chamamos, e no momento estamos trabalhando com sandálias e bonecas de pano. (Maria, arte educadora).*

O projeto também realiza atividades na cidade, entre elas, as Mostras Culturais promovidas a cada semestre em espaços abertos, em geral, praças, para divulgar os trabalhos desenvolvidos nas oficinas. Além dessas mostras, há o Festival de Interpretação Musical, evento anual que seleciona, primeiramente nas escolas e, posteriormente, entre os alunos das várias instituições aqueles que se destacam nas oficinas de música. E, por fim, os alunos das oficinas apresentam-se em outros eventos que ocorrem no município, como na Mostra de Teatro Amador, em que os alunos da oficina de teatro apresentaram a peça "Dona Baratinha".

Todas essas atividades fazem com que o Projeto Arte na Escola da Gente saia dos muros da escola e ocupe o espaço da cidade.

#### **4 - Avanços e Desafios**

Durante a pesquisa, foi possível perceber o compromisso, a responsabilidade e a competência da equipe que compõe o projeto. Em todos os momentos, seja durante as oficinas e a minicaravana, seja durante as reuniões e entrevistas, a equipe revelou um conhecimento da realidade das escolas, uma preocupação com o desenvolvimento do trabalho e um compromisso com a formação dos alunos. Mesmo diante de condições desfavoráveis, como o atraso de mais de uma hora do ônibus da prefeitura que iria levá-los à minicaravana ou a falta de remuneração para os trabalhos aos sábados, o grupo sempre se mostrou animado e disposto a continuar o trabalho, com a mesma seriedade e responsabilidade. Todos se colocavam como sujeitos do processo, como construtores da proposta, e não meros executores. A própria denominação – arte educadores (e não oficinheiros) revela esse posicionamento. É o que relata essa arte educadora:

*E a gente percebe que cada arte educador trabalha com orgulho de estar ali, com prazer de estar ali com as suas crianças; quando a gente vê o resultado nas apresentações das nossas crianças, o que cada criança passa e a oportunidade que têm essas crianças, a felicidade e carinho entre criança e educador, e o que cada educador e a coordenação que está aí têm uma dedicação muito forte que nós temos. É isso! (Arte educadora)*

Essa dedicação também transparece nas falas de professores, pais e estudantes. Todos os entrevistados destacaram, como ponto forte do projeto, a atuação dos arte educadores. Durante as visitas, também foi possível observar o carinho e cumplicidade dos arte educadores com todos os alunos, inclusive com os que não faziam parte da oficina, mas transitavam por ali, como se vê em:

*No final do ano, a gente fala com o diretor, mas o nosso contato maior é com a criança mesmo e a comunidade, a casa dela – tem arte educador que vai visitar a casa e, às vezes, conhece o bairro todo; tem educador que*

*fica só na oficina dele e tem outros que vão na casa e conhecem os pais da criança, faz oficina com os pais, também, para conquistar os pais: dá teatro para os alunos e, através da EJA, dá oficina de artesanato para os pais, de bairro pobre e se quiserem aprender podem vender e ter uma geração de renda para as mães – essa experiência deu resultado: já estão produzindo e vendendo. Contatamos os pais por meio da reunião com eles; a oficina acontece num dia extra, não no dia da oficina das crianças. (Arte educadora)*

A preocupação em criar espaços de arte e cultura em todas as comunidades, mesmo as mais distantes, é outro aspecto a ser destacado no projeto. Deve-se ressaltar que, nesse processo, há uma preocupação dos arte educadores com a cultura local, procurando respeitar as especificidades de cada realidade dentro do município, como ressalta um arte educador:

*E nas comunidades por onde tenho passado tenho observado algumas mudanças de cultura de uma comunidade para a outra, às vezes uma comunidade fala pouco, outras falam muito; até dentro da sala de aula o comportamento das crianças é totalmente diferente de uma comunidade para outra, zona urbana, zona rural e a gente dança conforme o ritmo da música.*

Todos esses avanços, entretanto, podem não ser duradouros, já que a equipe dos arte educadores não faz parte do quadro de funcionários da Secretaria Municipal de Educação, sendo contratados a cada ano, o que cria uma situação de incerteza e de insegurança em relação ao futuro do projeto.

Outro desafio a ser superado diz respeito ao número de alunos atendidos pelo projeto. Pelo fato de a equipe ser pequena, o número de alunos que participam do projeto, em cada escola é pequeno: no máximo 80 alunos, quando há a oferta de duas oficinas. Tal problema, explicitado por um arte educador apareceu na fala de vários entrevistados:

*Uma dificuldade que eu acho, eu trabalho com poucos alunos em oficina e sempre quando estou trabalhando lá vejo aqueles olhões todos, ... Então, acho assim, nunca tem vaga para todos participarem (...) seria muito bom o aumento do número de vagas, para todas as modalidades (...) porque numa escola de 70, ter 10, 15, 20 vagas é muito pouco, né?! Então você acaba tendo que fazer uma seleção (...) e as outras crianças não sabem por que não foram para a oficina, aí a gente tem que contornar a situação. É o único problema que precisa ser resolvido, a única dificuldade é essa: poucas vagas para muitas crianças e a demanda é muito grande. (Arte educador)*

Considerando-se que o tempo das oficinas em cada escola é de, no máximo, um ano, a questão da permanência e da inserção no cotidiano das escolas aparece ainda como um grande desafio do projeto. A falta de uma articulação maior do projeto com as escolas foi percebida principalmente durante a mini caravana, quando alguns professores da escola manifestaram seu descontentamento em relação à condução de algumas oficinas, como a de dança, que desconsideravam a trajetória adotada por eles no dia a dia de suas aulas. O envolvimento dos professores na preparação da caravana poderia ter evitado esse descompasso.

Apesar desses desafios, o projeto tem uma grande aceitação por parte de pais e responsáveis, professores e da comunidade em geral, sendo sempre uma referência de trabalho bem realizado e com qualidade para todos os entrevistados nessa pesquisa.

## **B - Casinha de Leitura**

O projeto Casinha de Leitura, segundo a SEMED, tem o objetivo de democratizar o acesso à leitura, promovendo o gosto pela leitura e pela escrita em alunos da Rede Pública Municipal de Ensino, utilizando uma Casinha de Leitura e o lúdico para estimular o fazer pedagógico na temática leitura e escrita eficientes e a formação de sujeitos socialmente responsáveis. Tem também o objetivo de propiciar a formação continuada de professores, a fim de que os mesmos sejam mediadores na construção de conhecimentos de forma contextualizada, participando de oficinas práticas nas quais discutam leitura, alfabetização, letramento e aprendam atividades lúdicas a serem desenvolvidas com alunos antes, durante e depois da leitura.

O projeto nasce em 2000, fora do âmbito da SEMED, a partir da ideia e experiência de um professor, que hoje é o coordenador, o professor Jefferson. É ele que conta como surgiu o projeto:

*No ano de 2000, eu fui remanejado para uma escola do município, (...), onde (...) eu não atuava em sala de aula, mas era um cargo técnico e lá eu percebia a dificuldade que os professores tinham de estarem trabalhando a questão da leitura e da escrita. Chegava o final de ano, o índice de reprovação era grande e as crianças não sabiam ler e escrever e tal, não gostavam e a leitura era sempre um bicho papão. E por conta da minha vida escolar também que eu tinha aversão à leitura que a minha professora colocava os 15 minutos finais como a hora da leitura todos os dias, era aquele momento que a professora pegava a régua em punho e ia de um por um na frente para fazer a leitura em alto e bom tom, sem poder gaguejar um pouquinho, pular uma vírgula uma pontuação e eu sempre apanhava na aula, ficava de castigo então por conta de todo meu histórico, nessa época, as crianças também tinham essa visão de que leitura não ser algo agradável e que de repente vi que poderia mudar e tornar aquele momento de leitura um momento mais prazeroso, muito legal e gostoso.*

*Devido à dificuldade que os professores tinham de alfabetizar, eu (...) comecei a desenvolver o projeto canalizando para o lúdico, com o objetivo de fazer as crianças, mesmo sem saber decodificar aquela leitura que o professor cobra na escola – que aluno que para saber ler tem que decodificar e eu sempre discordei disso e que não precisa ser decodificação – que eles poderiam gostar de ler à maneira deles, gostar da literatura, gostar dos textos, de contar e ouvir as histórias, sem saber necessariamente decodificar. Foi quando eu comecei a desenvolver o projeto de sala em sala. Na época, eu tinha 10 livros que eu mesmo comprei e usava um escorredor de prato; eu empilhava os livros e ia de sala em sala, com um boneco de fantoche, lá eu fazia contação de história, com fantoche ou só dramatizado mesmo e, enfim, fazia uma leitura livre com as crianças, naqueles 15 minutos finais que os professores estavam saturados, depois do intervalo, da merenda e a molecada agitada e era o momento que eu tinha e os professores me cediam.*

*No decorrer do tempo, eu fui adquirindo mais e mais livros, e os alunos começaram a gostar e o professor a perceber essa mudança, essa diferença, que era um momento de alívio para o professor e que eu conseguia tomar mesmo a atenção, e a gente percebeu, no primeiro ano, assim, uma melhoria na questão da aprendizagem. O fato de as crianças gostarem daquele momento de contação de história, do fantoche e de todas aquelas atividades lúdicas que, naquela época, não eram desenvolvidas, acabou despertando o interesse das crianças pela leitura e fez com que se interessassem mais e aprender a ler, a decodificar, vamos dizer assim, para eles também fazerem a leitura deles nos livros e poderem manipular e contar as histórias que tinham nos livros. Então, na verdade, o objetivo sempre não foi ensinar o aluno a ler, não alfabetizá-lo, ensiná-lo a decodificar, mas estimular, fomentar o gosto pela leitura.*



Foto 7: Coleção de livros Casinha Leitura

O nome Casinha de Leitura aparece três anos depois, quando o projeto vai se expandindo e ganhando novo formato, passando a ter como objetivo, também, a formação de professores, como o professor Jefferson relata:

*A partir de 2004, já na faculdade, (...) encontrei um grupo de amigos meio loucos da mente e aí nós fomos, com autorização da universidade, fomos fazer nosso estágio desenvolvendo o projeto. E nele, a gente acabou mudando um pouco a dimensão dele – já com esse nome Casinha de Leitura. No primeiro ano, ainda não tinha o nome, mas quando tive a idéia de formatar uma estante com o formato de uma casinha com os compartimentos e tudo, e dei o nome logo no ano seguinte e ficou até hoje.*

*Então consegui uns amigos para estarmos bancando a construção da casinha, a compra dos livros e, daí, demos uma nova dimensão ao projeto: ao invés de irmos diretamente ao aluno – porque eu percebi, ao longo dos três anos em que fui desenvolvendo o projeto, que era um trabalho que dava certo, porém, não se expandia porque os professores não sabiam desenvolver aquele trabalho; percebi que a dificuldade, o problema maior do aluno não gostar e não saber decodificar, não era culpa dele, era do professor que não sabia trabalhar com ele. Então, reformulei o projeto e passei a canalizar para a formação do professor, Então, pela faculdade, nós expandimos o projeto para 3 escolas da região de Rios (...). Quando nós colocamos uma Casinha, uma biblioteca itinerante móvel com roldanas e isso porque eu sozinho não tinha como carregar devido ao peso e o número de livros que fui adquirindo, para empurrar ficava mais fácil. A*

*gente mesmo comprava livros, eu confeccionava os fantoches, cortina, os livros, lápis de cor e comum, cd de música e de histórias infantis. Na época eram 50 livros em cada casinha e passamos a fazer uma formação para os professores da escola que receberiam a Casinha, uma formação de 2 dias de 26 horas e, no final, na parte festiva deixávamos o kit e a biblioteca para a escola, onde já havíamos trabalhado toda a formação, a metodologia de como trabalhar com o fantoche, como contar uma história, fazer as atividades lúdicas em sala de aula.*

Tal experiência vai se ampliando, sempre contando com a militância do professor Jefferson e seus colegas, que desenvolviam todo o projeto sem receber nenhum recurso da Secretaria de Educação:

*Era tudo voluntário mesmo. Quando foi para expandir na outra universidade, no curso de Letras, consegui a parceria de 4 colegas que faziam esse investimento: íamos a lojas pedindo livros, madeira para confeccionar e o que não conseguíamos a gente mesmo comprava. A nossa retribuição é que isso contou como nosso estágio da faculdade e a gente aproveitou para expandir o projeto dessa forma. Nós mesmos custeávamos toda a despesa, e por ano, nós tínhamos condições de atender no máximo 03 escolas, até quando a secretária soube e a gente começou a expandir pelo município. Foi quando, em 2004, o projeto ganhou outra dimensão, que não era somente de incentivo à leitura e despertar o gosto pela leitura no aluno, mas canalizou para a parte de formação continuada do professor. Começamos a partir de 2005 quando veio para a SEMED, nós constituímos uma equipe, começamos a trabalhar a contação de história, teatro de fantoche, produção textual e uma diversidade de outras modalidades dentro do lúdico que a gente veio desenvolvendo, com oficinas específicas, né?*

A incorporação desse projeto à política educacional do município é ressaltada também pela Secretária Municipal, professora Lucineide, em sua entrevista:

*A Casinha de Leitura: nosso projeto aqui de formação de leitores, professores e também as crianças é um projeto de um de nossos professores da rede municipal de 1ª. a 4ª. Séries. Quando vi a Casinha, achei a idéia maravilhosa, melhoramos a casinha toda e trouxemos o professor com a sua idéia e hoje é uma referência em letramento, está com a equipe do Vagalume, logo depois ele terminou o curso de letras que fazia naquela época, depois coordenou o Arte na Escola e a Casinha de Leitura e trabalham integrados também.*

Assim, o projeto nasce de uma experiência concreta e ganha dimensão de política pública, a partir de 2005.

## **1 - As Casinhas de Leitura**

A Casinha de Leitura é uma minibiblioteca móvel itinerante, com decoração específica e diversificada. Cada Casinha é composta inicialmente por um kit de materiais específicos para as séries iniciais do Ensino Fundamental com 100 (cem) livros de literatura infantil; 01 (um) CD de música infantil; 01 (um) CD de história infantil; 01 (um) casal de fantoches; 01 (uma) cortina para teatro de fantoches; 30 (trinta) caixas de lápis de cor;

02 (duas) caixas de lápis comum nº 2; 02 (duas) resmas de papel A4; 02 (duas) resmas de papel almaço; 01 (um) livro de catalogação e 01 (um) livro para registro de empréstimos.



Foto 8: Casinha de Leitura

Como o objetivo central é a democratização do acesso à leitura, o projeto sempre incentivou e possibilitou o empréstimo de livro para os alunos, prática que, conforme o seu idealizador, professor Jefferson, causou estranheza entre os professores das escolas:

*a dificuldade sempre foi porque o projeto sempre primou pela democratização de acesso ao livro e, na escola, sempre que a gente encontrava, o livro nunca podia sair da escola, era de acesso restrito, para os funcionários. A proposta que a gente colocou nas escolas causou estranhamento: que o acervo da Casinha deveria ser emprestado para o aluno levar para casa, para ler para o pai e aquele que não sabia decodificar levava para o pai que fazia a leitura para ele e a gente começou também a envolver a família... por isso que a gente gerou estranheza. Diziam: "Mas os alunos vão levar e vão rasgar, não vão mais devolver." Bom, se eles não devolverem, vai servir para alguma coisa, lá em casa. O livro não é para ser guardado numa estante, acumulando poeira, e sim para ser manipulado, usado e se for rasgado é porque já foi manipulado demais. A gente foi tendo um acompanhamento de quantidade de livros e foi percebendo ao longo do processo que crianças que não costumavam decodificar e tinham dificuldade passaram a decodificar com mais facilidade e ler com mais facilidade e percebemos aquelas crianças que despertaram uma paixão pela leitura e tanto que em algumas escolas crianças acabaram lendo, fazendo um concurso de leitura ao longo de 6 meses passaram a ler 50, 60, 80 títulos diferentes, onde era registrado num livro de acompanhamento de cada escola.*



Foto 9: Oficina Casinha de Leitura

A Biblioteca Escolar é exclusiva para as escolas da zona rural. Inicialmente recebe um acervo composto de 150 livros de literatura infantil universal e de pesquisa, uma estante de aço, livro de catalogação do acervo e um de empréstimo. Após um ano de implantação, cada biblioteca (Casinha e Escolar) recebe um acervo de fortalecimento bibliográfico composto de 50 livros diversos.

De 2000 a 2009, o Casinha de Leitura atendeu 31.154 alunos; distribuiu 30.429 livros oriundos de doações da Prefeitura Municipal de Santarém através da Secretaria Municipal de Educação, Associação Vaga Lume, Sociedade Bíblica do Brasil e pessoas físicas. Atualmente, o Projeto está implantado em 83 escolas da Rede Municipal de Ensino: 50 na zona urbana e 33 na rural – 20 na região de Rios e 13 na região do Planalto. E no primeiro semestre de 2009 fez a doação 8.450 livros; atendeu 6.248 pessoas (alunos, professores e comunidade em geral).

## 2 - A equipe

O projeto tem, hoje, uma equipe composta por 16 pessoas, com formações diversas: letras, pedagogia, teatro, etc., coordenadas pelo professor Jefferson, que, atualmente, tem sua ação voltada para a formação dessa equipe de formadores. Esta formação é feita através de uma "troca de saberes", como informa o professor Jefferson:

*Essas pessoas, entrando no projeto sem prática no projeto, alguns da área de teatro, nós aqui de dentro fazíamos a formação dessas novas pessoas, para que eles [trabalhassem] diretamente com o público jovem, adquirissem a prática da contação, da mediação, do fantoche, dos jogos de leitura. Então, a formação acontecia aqui dentro para a própria equipe, a gente tem um sistema de formação onde quem ministra a oficina de contação de história ensina para o outro a prática desse trabalho.*

Além dessa equipe central, o projeto começou, no ano de 2009, a contar com a atuação do **agente de leitura** nas escolas, um profissional escolhido entre os professores do quadro da escola, que, como afirma o professor Jefferson:

*é um dinamizador na escola, o fomentador da leitura na escola, onde é responsável pelo projeto e articula com todos os professores para estarem desenvolvendo esse trabalho. (...) é um bibliotecário que dinamiza o trabalho e atende o público que vem emprestar livros, pesquisar na sala da biblioteca. Esse agente de leitura tem uma formação constante: todos os meses temos um encontro com ele, no qual vem apresentar o resultado de cada escola em que ele está responsável.*

## 3 - As Parcerias

O projeto configura-se como uma política pública da SEMED, contando com uma série de parceiros, entre eles:

- Pró-Letramento: Programa do Governo Federal que trabalha com a formação continuada de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental;
- Associação Vaga Lume: ONG que trabalha com a implantação de bibliotecas comunitárias na Amazônia Legal Brasileira. No primeiro semestre de 2009, fez a doação de 7 mil livros para 15 escolas; e

- ➔ Sociedade Bíblica do Brasil: associação que trabalha com a doação de livros com histórias bíblicas. No primeiro semestre de 2009, a associação fez a doação de 7 mil livros para 15 escolas.

Segundo o professor Jefferson,

*dentro do projeto não temos condições de atender todas as escolas, a demanda é muito grande e nós fizemos parceria com a Sociedade Bíblica do Brasil que é uma ONG que atua no Brasil todo e que tem um polo em Belém e eles fazem um cadastro de escolas para receberem títulos das diversas histórias da Bíblia, em livros ilustrados bem infantil e que vêm com quebra-cabeças e eles não defendem, não trabalham uma religião, são comportamentos, posturas, fundamentos bíblicos de forma diversificada e atraente para a garotada estar brincando e lendo. Então fora as 82, temos mais 30 escolas cadastradas que nós coordenamos aqui, temos um parceiro que é uma ONG de SP que é a Vaga Lume, que atua exclusivamente na Amazônia Legal Brasileira, com implantação de bibliotecas comunitárias em comunidades rurais, são 8 comunidades. A gente consegue atender mais escolas dessa forma, nos mais longínquos lugares, para democratizar o acesso à leitura, além da Casinha de Leitura.*

#### **4 - As atividades do Projeto**

Sempre com o objetivo de democratizar o acesso à leitura, o Projeto desenvolve uma série de atividades, sendo que a formação de professores, segundo o coordenador, cumpre um papel fundamental:

*pelo acervo priorizamos a base – da Educação Infantil à 4ª. Série, mas tem escolas que apresentam resultados bem positivos com turmas de 5ª série, 6º ano, por serem crianças que passam para a 5ª. Série com alguma dificuldade e os professores acabam desenvolvendo. Hoje nós temos uma diversidade de modalidades que trabalhamos com os professores: mediação de leitura, contação de histórias, teatro de fantoche, teatro infantil, toda de história, confecção de livros artesanais, produção textual e uma oficina nova com origami, o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, por achar necessário que se esgote o prazo de adequação das escolas. Nós temos uma diversidade de oficinas que estão trabalhando a formação do professor, não num tempo limitado, fechado, mas acompanhando as escolas (..) e trabalhamos com crianças também...*

Tal formação é feita tanto a partir de um curso de formação como através do acompanhamento do projeto nas escolas, como explica o professor Jefferson:

*Formação de professor a gente trabalha com o curso de Práticas de Leitura com 100 horas, com todas essas oficinas. Antes era ofertado escola por escola – em que todos participavam: do servente ao diretor e os pais porque a leitura também precisa do apoio de casa - e hoje, com a dimensão maior, não temos condição de atender um a um e a gente expande o projeto para 20 escolas em simultâneo: a gente convida dessas 20 escolas que são pré-selecionadas pela linha de interesse da escola e da comunidade e montamos um curso para essas 20, com a participação de 120 professores, por exemplo, e a gente estrutura o curso em módulos que*

*acontecem 1 vez por mês ou a cada 2 meses, sendo numa 6ª feira e num sábado, em tempo integral e ao final da formação, no final do ano, eles recebem o projeto para implantar no ano seguinte, mesmo porque a gente não trabalha só com a teoria, mas coloca na prática mesmo: o professor vai confeccionar o boneca, vai manipular, depois a gente trabalha a estruturação do projeto não fechado, mas sim com propostas para que, quando chegar na escola do professor, possa estar adequando para sua realidade. Cada uma é uma realidade diferente, e o professor trabalha com seu corpo técnico e sua gestão para re-elaborar o projeto de acordo com a sua necessidade. A formação do professor acontece nesse sentido.*

O projeto trabalha também com atividades para as crianças no parque municipal de Santarém e com caravanas nas regiões de Rios e Planalto. A dinâmica de trabalho pode variar, segundo o coordenador do projeto:

*Temos um ônibus no parque municipal que traz para cá, de 3ª. a 6ª. feiras, 60 alunos, divididos manhã e tarde, que as escolas, através de agendamento prévio, manda para nós: eles passam o período todo com a nossa equipe e participam de jogos, brincadeiras, contação de histórias, teatro de fantoche, mediação de leitura, espetáculo infantil, passeio ecológico e uma diversidade de atividades lúdicas que são de incentivo à leitura e que desenvolvem com os educadores, depois retornam à escola. Essa atividade é fixa; outra, o diretor solicita e a gente atende as caravanas, hoje a gente atendeu na escola – vai um grupo de educadores na escola e lá eles desenvolvem as mesmas atividades na escola, atendendo de sala em sala, reunindo de 2 em 2 turmas, com toda a atividade que a equipe desenvolve na escola mesmo. Na escola urbana, a gente desenvolve em 1 dia e na região de Rios e Planalto a gente desenvolve uma programação mais extensa, no mínimo 2 dias na comunidade – a próxima (...) vai ser de 14 horas de barco para chegar na comunidade, (...). Lá a gente amplia e trabalha de Educação Infantil ao Ensino Médio; para a Educação Infantil são as atividades voltadas para a leitura, para o Ensino Fundamental e Médio, a partir da 6ª. Série a gente desenvolve outras atividades...*

Na região de Rios e Planalto, a caravana transforma-se em um grande encontro cultural para toda a comunidade e não só para os alunos, conforme relata o professor Jeferson:

*Na região de Rios, com os alunos do Fundamental a gente trabalha até o 5º ano com contação de história, leitura livre, mediação de leitura, pintura facial, figurino específico e, daí, todo mundo vira criança, pai, professor... .à noite temos o cine rural, a gente leva filmes educativos. Há comunidades que não têm energia e nem gerador próprio, a maioria, mas por conta da nossa ida, a gente acaba conseguindo um gerador de um vizinho e a noite projeta o vídeo. Tem crianças que nunca assistiram a uma televisão e se viram era a bateria e algum programa em preto e branco, e a gente leva um telão imenso, colorido. Enche, é um espetáculo à noite. Depois da programação a gente faz a comilança, a noite cultural onde a comunidade apresenta seus artefatos confeccionados lá, da sua cultura mesmo, sua dança, suas tradições e a gente faz a socialização do dia de trabalho da oficina com a comunidade. É uma festa à parte.*

Assim, com as atividades nas escolas e as caravanas urbanas e rurais, o projeto Casinha de Leitura vai se espalhando e se enraizando entre as escolas e as comunidades de Santarém.

## **5 - Avanços e Desafios**

A democratização da leitura, objetivo central do projeto, parece estar sendo atingido, tanto em relação ao envolvimento dos professores e das crianças como na melhoria do processo de ensino e de aprendizagem nas escolas. Em várias das escolas visitadas, encontramos a Casinha de Leitura já implantada, com as atividades assumidas pelos próprios professores. O professor Jefferson também ressalta, em sua entrevista, os resultados do projeto:

*a gente percebe nas escolas que está tendo resultados positivo, por conta desse índice que os agentes escolares e os diretores, que às vezes emitem relatórios e eles estão externando; nós acompanhamos também o IDEB da Secretaria da Educação, então, ano após ano, a gente vai fazendo um comparativo com o índice de evasão, de aprovação, de rendimento escolar e a gente vem percebendo que está diminuindo, está melhorando. A gente não atribui tudo ao projeto, porque tem uma diversidade de fatores que contribuem com isso, mas a gente fica feliz porque está contribuindo também.*

Além do trabalho nas escolas, o professor destaca o envolvimento com a cidade, um dos pontos positivos do projeto:

*Para o educador é bem gratificante quando vai passando e gritam: Oi, professor! E a gente nem sabe quem é, de tantas crianças a que gente tem acesso, porque temos também uma atividade na praça, em que a equipe vai com uma caravana para a praça e lá a gente estende uma lona, põe colchonete e fica e ficamos abordando todo mundo, fazendo declamação de poesia, contação de histórias sem idade; temos também caravana para hospital, asilo, abrigo municipal, então conquistamos um público bem diverso.*

Para que tais resultados pudessem ser alcançados, um dos aspectos importantes relaciona-se à equipe do projeto, que, além de qualificada, mostra-se bastante envolvida com o trabalho, não se importando, inclusive, de viajar mais de 14h de barco para levar o Casinha de Leitura a uma comunidade rural.

Nesse sentido, é importante destacar que o projeto nasce com um forte compromisso político dos educadores que o criaram, entre eles, o coordenador, o professor Jefferson, e, por seu sucesso, passa a fazer parte da política educacional de Santarém.

O professor Jefferson destaca o compromisso da equipe como ponto alto do Projeto:

*mas o ponto focal é mesmo a equipe – dinamismo, envolvimento, compromisso com educação, com o trabalho que faz, amor realmente ao que faz, porque supera toda dificuldade, porque em certas comunidades, pega barco, desce de barco, caminha com todo o material nas costas até chegar nas escolas. Sem falar que é super desgastante dia e noite, e a gente não trabalha pela remuneração porque não tem dinheiro que pague*

*isso – chegando lá você vê a alegria das crianças, o reconhecimento deles, supera todo e qualquer sacrifício. Você pode ter os melhores materiais, mas se não tiver uma equipe boa, comprometida, envolvida mesmo, a coisa não anda. Sempre digo: não existem bons projetos que venham mudar a educação se não existir bons profissionais que executem.*

Se o compromisso da equipe é o ponto alto do Projeto, um dos desafios é garantir que a proposta não termine, quando mudar o governo municipal. Como não há nenhuma forma de normatização, não há garantia de sua continuidade. Essa é uma preocupação expressa pelo professor Jefferson:

*a dificuldade é a garantia de continuidade; temos a garantia de que até o final desse governo ele vai estar com toda força, todo gás. (...) O grande facilitador de tudo é o dinamismo e o compromisso da equipe, porque como todo governo tem suas dificuldades, não trabalha somente com verba do governo e a gente trabalha com a injeção de outros recursos – parceiros de livros, mas a gente não depende só disso, precisamos de dinheiro para transporte, para compra de materiais de consumo e pedagógicos (lápiz de cor, tinta, etc.) e desses, 80% a Prefeitura compra...*

O professor destaca que, mesmo contando com parcerias e com o envolvimento da equipe e da comunidade, é preciso criar mecanismos que o Projeto se transforme em uma política de Estado e não só de governo. Só assim, os resultados obtidos no Projeto, que, como pudemos constatar, são muitos, poderão ser permanentes.

## **C - Agenda 21**

O projeto Agenda 21, em Santarém, iniciou-se em 2006, coordenado pela Secretaria de Educação, baseando-se no princípio de que a construção de sociedades sustentáveis deve ser gestada na escola por meio da participação de todos os atores ali envolvidos e seguindo as orientações construídas na ECO 92.

A Agenda 21 constitui-se em um documento contendo um plano de ações, para o qual contribuíram instituições e sociedade civil de 179 (cento e setenta e nove países), com vistas a promover, globalmente, uma nova dinâmica de desenvolvimento. Sua elaboração ocorreu num período de dois anos, tendo culminando na Eco 92 – Conferência das Nações Unidas para o meio ambiente e desenvolvimento – CNUMAD - realizada na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1992.

No caso do Brasil, foi proposta a elaboração de Agendas locais devido às dimensões do país, bem como as características distintas de cada município.

Em 2003, foi realizado pelo Ministério do Meio Ambiente, em parceria com o Ministério da Educação, a Conferência Nacional Infante-Juvenil pelo Meio Ambiente. O evento oportunizou a participação de professores, estudantes e comunidade escolar no debate a respeito do desenvolvimento sustentável no Brasil. Foi a partir disso que foi proposta a criação de Comissões de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola (Com-Vida) nas instituições escolares e como atividade permanente, a Agenda 21 escolar.

É dentro dessa perspectiva que a Secretaria Municipal de Educação de Santarém se propôs a desenvolver, em sua Rede de Ensino, Agendas 21 locais, considerando as orientações do Ministério do Meio Ambiente.

A justificativa para implantação do programa no município assemelha-se à explicitada na Agenda 21 global, conforme panfleto da SEMED, a Agenda 21 na escola constitui-se em uma estratégia

para que a escola, a partir de sua realidade local, estabeleça ações e diretrizes para tratar a questão ambiental na sala de aula, no espaço escolar como um todo e comunidade na qual está inserida, tendo o comprometimento de todos os seus atores. (SEMED)



Foto 10: Agenda 21 nas escolas



Foto11: Agenda 21 nas escolas

Por isso, a Agenda 21 em Santarém, ainda que vinculada às escolas, tem uma perspectiva mais ampla:

A agenda 21 na Escola, portanto, não é um projeto elaborado pelos professores e corpo técnico-administrativo. É um Plano de Ação construído por uma coletividade, por isso, a escola precisa estabelecer metodologias para envolver todos na sua construção. (SEMED)

Durante a implantação, num primeiro momento, foi realizado um seminário com representantes das escolas municipais urbanas<sup>4</sup> de Santarém para que o projeto fosse apresentado:

*Em 2006 começou a desenvolver um trabalho nas escolas para sensibilização e orientação do que é a agenda 21, que culminou num seminário realizado em 2006 convidando as escolas urbanas. (Coordenador do projeto)*

Depois dessa reunião, houve um trabalho de capacitação dos professores, para que pudessem trabalhar a temática junto a suas escolas e a seus alunos. Posteriormente, foram criadas comissões de educação ambiental nas escolas com representantes do corpo docente, discente, técnicos e a comunidade em que a instituição estava inserida e iniciada a construção da Agenda 21 local. Assim, no ano de 2006, foi desenvolvido um pequeno planejamento das metas, atividades e prazos, sendo que a realização dessas atividades ocorreu a partir do ano de 2007, com maior coesão em 2008, com o atendimento de 17.842 (dezesete mil oitocentos e quarenta e dois) alunos do Ensino Fundamental, o que corresponde a pouco mais do que 33% do total de alunos.

Em 2009, do total de 53 (cinquenta e três) escolas urbanas em Santarém, 22 (vinte e duas) desenvolviam o projeto.

---

<sup>4</sup> De acordo com os coordenadores, as escolas de rurais não foram incluídas no projeto devido a não disponibilidade de um a infraestrutura por parte da SEMED para o acompanhamento sistemático das atividades.

## **1 - Metodologia de Trabalho**

A implantação da Agenda 21 em cada escola segue os seguintes passos: planejamento, implementação e avaliação e se divide em sete etapas. A primeira consiste na formação de Comissão de Educação Ambiental e Qualidade de Vida (Com-Vida), o que se constitui em premissa para estruturação e desenvolvimento do projeto. Seguido dela e de maneira complementar, tem-se a etapa de sensibilização dos envolvidos, responsáveis pela elaboração da Agenda 21. É nesse ponto que a perspectiva do envolvimento dos diversos atores presentes no contexto escolar fica bastante evidente.

Um terceiro passo é a realização de um diagnóstico local em conjunto com os envolvidos, considerando três aspectos: fatores naturais, e, portanto, água, vegetação, solos, animais, entre outros; fatores sociais relacionados à saúde, ética, arte, incidência de violência e preconceito, etc.; bem como o espaço físico da escola: ventilação, iluminação, tratamento de resíduos sólidos, etc.

Realizado o diagnóstico, o resultado é apresentado aos demais representantes da comunidade, compreendendo o quarto passo. A partir dele, é realizado um levantamento das expectativas e metas a serem alcançadas na localidade e, por fim, elaborado o Plano de Ação da Agenda 21 Escolar. A respeito dessa sexta etapa, sugere-se a implementação, a partir da metodologia "Oficina de Futuro".

De acordo com a cartilha do MEC, que se propõe a esclarecer os aspectos do Com-Vida, a Oficina de Futuro

é uma técnica que ajuda a conduzir os passos para a Agenda 21 na Escola e de qualquer outro projeto coletivo. Consiste em uma série de etapas com duração que pode variar de acordo com o ritmo e o aprofundamento que o grupo deseje (BRASIL, 2007, p. 13).

Assim, para o desenvolvimento dessa metodologia, em primeiro lugar, os alunos desenvolvem uma 'árvore dos sonhos', ou seja, um mural contendo registros daquilo que seria a escola e comunidade dos sonhos dos atores. Em seguida, o grupo propõe-se a discutir 'as pedras no caminho', ou seja, as dificuldades para se alcançar os sonhos. Para solucioná-los, propõe-se uma investigação da história daquela localidade e a razão da existência das dificuldades encontradas. Por fim, são traçadas as metas e as ações, bem como estabelecidas as parcerias para o alcance do êxito no programa. Por fim, é divulgada a avaliação da implantação da Agenda 21 Escolar por meio de seminários locais.

## **2 - O Projeto Agenda 21 nas Escolas**

Cada escola constroi sua Agenda definindo as metas e ações necessárias para alcançá-las. Depois, ao longo do ano, vai criando estratégias para colocar em prática as ações previstas.

Durante a pesquisa, foi possível conhecer a experiência da Escola Municipal São Francisco, a qual construiu sua agenda, definindo como meta a preservação de uma serra, que fica no entorno da escola e estava com suas árvores e plantas sendo destruídas pela ação de construtoras que retiravam, ali, terra e areia, sem nenhuma preocupação ambiental.

Definindo a preservação da serra como a meta principal da Agenda 21 da escola, os alunos passaram a se mobilizar em defesa da serra. Para isso, fizeram passeata pelas ruas do bairro, elaboraram panfletos educativos e distribuíram para os moradores do bairro e, inclusive, bloquearam a ação de caminhões que estavam retirando areia, mobilizando todo o bairro para tal ação.

Em entrevista com alunas da escola, elas contaram toda essa luta, colocando-se como protagonistas desse ato:

*A gente se uniu para manifestar, nós fizemos cartazes e espalhamos pelo bairro, teve reunião aqui na escola, porque todo mundo tinha que saber o que estava acontecendo. A comunidade, os nossos pais, sabe, também participaram das manifestações, a gente chamou todo mundo pras ruas, segurando faixas, tomando as ruas, porque estavam destruindo parte da nossa cidade, do planeta, né? É importante a gente contribuir para salvar o meio ambiente e pensar que, se a gente continuar destruindo, nas próximas gerações não terá mais nada. Eu me senti importante e feliz em participar, acho que todo mundo sabe, a gente sentiu que tava fazendo algo pra mudar, ou tentar mudar né, porque não é só aqui que acontece em todo planeta tem alguém tentando destruir a natureza, né? (aluna, Escola Municipal São Francisco).*

Como revela a entrevista, para os estudantes que participam do projeto Agenda 21 cuidar e preservar a serra, patrimônio ambiental do bairro, é uma forma de preservar todo o planeta.

### **3 - Avanços e Desafios**

Como nos demais projetos desenvolvidos em Santarém, também nas ações de educação ambiental nota-se que o objetivo central do projeto é a ampliação das dimensões de formação dos sujeitos e o aumento da carga horária escolar depende da necessidade do projeto. Na verdade, percebe-se que esse segundo fator apenas entra em cena quando requerido pelo primeiro, ou seja, na Agenda 21, por exemplo, a ampliação da jornada é realizada de maneira esporádica e em ocasiões em que o turno regular não comporta todas as atividades previstas, como reunião com pais e comunidade, visitas ao viveiro educador, visita ao bairro, etc.

No caso do projeto Agenda 21, há fatores estruturais que se colocam como dificultadores para a ampliação da jornada escolar, como a pequena equipe de trabalho, o que se reflete, também, no fato de restringirem o trabalho exclusivamente às escolas urbanas:

*não temos equipe suficiente para dar assistência ao interior, nem damos conta da cidade... A mesma coisa acontece com o pessoal do Planalto. (Coordenador do Projeto)*

Contudo, o que se percebeu na pesquisa foi uma relativa abrangência do projeto no âmbito da Rede Municipal de Santarém, considerando-se que o trabalho é desenvolvido apenas nas escolas urbanas.

Em relação aos sujeitos envolvidos, percebe-se a ênfase dada no projeto Agenda 21 para a participação não apenas de alunos e de professores, como também dos demais funcionários da escola e comunidade escolar. Nesse sentido, verificou-se a centralidade

da escola no que se refere à organização das atividades, com a assessoria da equipe da SEMED, quando necessário. É o que explica o coordenador do projeto:

*(...) na hora da necessidade, nós somos acionados. Hoje a gente está fazendo o diagnóstico mais elaborado, cada escola da Agenda 21 preenche um formulário. Hoje nós estamos concentrados em (...) capacitação, na reconstrução das agendas (Coordenadora do projeto)*

Para os coordenadores do projeto, o maior desafio está relacionado à grande variação de profissionais do corpo docente e na direção das escolas:

*No início desse ano, fizemos um colóquio para ver quais eram os grandes problemas: a maior dificuldade de nosso município é formar os professores e diretores, que estão indo do Município para o Estado, são chamados e tal, o maior entrave é dar continuidade ao processo. Falta às escolas, ainda, essa cultura de fazer o Banco de Dados, de ter os seus registros, arquivos, pois, quando há mudanças na escola, se tenha condições de repassar para a professora, a diretora que assumir tenha condições de saber o que foi feito pela estrutura nova. (Coordenadora do Projeto).*

Mesmo tendo sido apontados os desafios, a pesquisa constatou os avanços representados pelo projeto no âmbito da ampliação das dimensões de formação dos seus envolvidos e sua dimensão social, com o envolvimento da comunidade na realização da Agenda 21

## **D - Escola da Floresta**

Como já ressaltamos, a questão ambiental é um dos eixos norteadores da política municipal de educação de Santarém. Assim, além do projeto Agenda 21, a Secretaria Municipal de Educação criou, em 2008, a Escola da Floresta, com o objetivo de proporcionar mudanças de práticas e valores quanto à preservação e conservação do meio ambiente, através de um espaço de compartilhamento de experiências e ações em educação ambiental ([www.santarem.pa.gov.br](http://www.santarem.pa.gov.br), acessado em 14/05/2010).

Com uma área de 33 hectares de floresta, a Escola da Floresta está localizada na comunidade de Caranazal, próxima a Alter do Chão. Houve uma parceria da prefeitura de Santarém e do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), para a área se transformar em um laboratório vivo de educação ambiental, como destacou a prefeita de Santarém, Maria do Carmo, durante a inauguração da Escola:

*Temos agora a primeira Escola da Floresta do Estado do Pará. Esse projeto é pioneiro em todos os sentidos, sobretudo para uma melhor conscientização da importância da floresta Amazônica, de nossa biodiversidade e do imenso potencial dessa região. (...) Além de tudo isso, esse espaço vai fornecer novo ambiente para o desenvolvimento de metodologias inovadoras de aprendizado para os alunos das escolas santarensas. Essa é mais uma prova de que nosso projeto de desenvolvimento sustentável e com justiça social é uma realidade. ([www.santarem.pa.gov.br](http://www.santarem.pa.gov.br) , acesso 14/05/2010)*

O Projeto Escola da Floresta, assim, procura transformar a floresta em uma enorme sala de aula que, no seu primeiro ano de funcionamento, recebeu mais de 5.000 visitantes.

## 1 - Dados de Atendimento

A Escola da Floresta nasce com a missão de promover Educação Ambiental de qualidade a fim de "contribuir para mudança de comportamento e postura dos envolvidos no processo educacional do Município de Santarém".

A proposta da Escola da Floresta está voltada para os alunos de 5ª a 8ª séries, atendendo prioritariamente os alunos da rede municipal, recebendo, também, estudantes da rede estadual e particular.

Para esse atendimento, a Escola da Floresta conta com um micro-ônibus próprio para buscar os alunos pela manhã e os levar à sua escola de origem no final da tarde.

Além das escolas, o projeto realiza eventos e recebe visitas de outros setores da sociedade, como associações, ONGs e outros grupos organizados.

Em relação ao atendimento, os dados revelam que a Escola da Floresta atende a aproximadamente 25 escolas, sendo a grande maioria, escolas municipais de 5ª a 8ª séries. Abaixo, apresentamos um quadro com o número de atendimentos realizados nos anos de 2008 e 2009, fornecidos pela SEMED. Os dados referentes ao ano de 2009 remetem as atividades realizadas no semestre.

**QUADRO 5**  
**Número de atendimentos realizados ano 2008 - 2009**

<b>ATENDIMENTO REALIZADOS COM ESCOLAS MUNICIPAIS DE 1ª a 8ª. SÉRIES – 2008- 2009</b>					
ANO	Nº	REDE	TURMAS ATENDIDAS	QUANTIDADE DE ESCOLAS	NÚMERO DE ALUNOS ATENDIDOS
2008	01	Municipal	1ª a 8ª séries	20	2.539
2008	01	Estadual	5ª a 8ª séries	05	293
2008	01	Particular	5ª a 8ª séries	04	112
<b>2008</b>					<b>TOTAL: 2.944</b>
2009	01	Municipal	1ª a 4ª séries	1	35
2009	02	Municipal	5ª a 8ª séries	13	1.061
2009	01	Estadual	5ª a 8ª séries	2	61
2009	01	Particular	5ª a 8ª séries	04	202
<b>2009</b>					<b>TOTAL: 1.359</b>
<b>OUTROS ATENDIMENTOS E EVENTOS REALIZADOS ANO 2008 - 2009</b>					
ANO	OUTRAS INSTITUIÇÕES	EVENTOS	NÚMERO ATENDIMENTOS		
2008	20	27	<b>2.259</b>		
2009	18	10	<b>1.362</b>		
<b>Nº ATENDIMENTO TOTAL 2008</b>				<b>5.203</b>	
<b>Nº ATENDIMENTO TOTAL 2009</b>				<b>2.721</b>	

Fonte: SEMED Santarém, 2009

Além de receber escolas, no Projeto são realizados eventos e são atendidas outras instituições, como observado nos quadros anteriores. Nesse sentido, a Escola da Floresta tem sido um espaço privilegiado de educação ambiental na cidade de Santarém.

## **2 - Equipe e Metodologia de trabalho**

A equipe da Escola da Floresta é composta por uma coordenação e por educadores de diversas áreas, contando, inclusive, com educadores populares, como o Sr. Mucura, seringueiro e membro do Conselho Nacional dos Seringueiros.

A seleção das escolas participantes é feita através de adesão, já que no início do ano é construído um cronograma de atendimento a partir das demandas recebidas. Definidas as escolas, o atendimento é feito por turmas e a visita à Escola da Floresta dura todo o dia. Assim, as escolas atendidas enviam, cada dia, uma turma de cerca de 40 alunos que é dividida em grupos, para percorrerem trilhas sob a responsabilidade dos educadores do Projeto.

Durante as trilhas, os grupos têm a oportunidade de participar de atividades variadas, como conhecer inúmeras espécies florestais, visitar por dentro uma casa de seringueiro, aprender como se faz farinha de mandioca, caminhar por um viveiro com capacidade produtiva de 80 mil mudas, participar de aulas práticas sobre o processo de reprodução de abelhas sem ferrão.



Foto 12: Escola da Floresta



Foto 13: Escola da Floresta



Foto 14: Escola da Floresta

Depois das trilhas, os grupos se encontram na sede da escola, onde almoçam e conversam sobre a experiência vivida. Nesse espaço, discutem sobre meio ambiente, seus problemas e suas formas de preservação e sobre como, no dia a dia, ter atitudes ecológicas.



Foto 15: Escola da Floresta



Foto 16: Escola da Floresta



Foto 17: Escola da Floresta

Apesar das atividades serem desenvolvidas pelos educadores do Projeto, cada turma é acompanhada por um ou dois professores, que participam ativamente do debate e têm a função de continuar o trabalho na volta à escola.

Dentro do espaço da Escola da Floresta, foi construído o Memorial Chico Mendes, composto por fotos, livros e artigos sobre a história desse seringueiro e líder ambiental, que é visitado por todas as turmas e, de certa forma, é o símbolo da luta e compromisso da Escola da Floresta por uma cidadania planetária.

### **3 - Avanços e Desafios**

A Escola da Floresta representa um marco na política municipal de Santarém, como definidora da educação ambiental como um dos grandes pilares da educação.

Com metodologias inovadoras, atividades práticas, espaços de convivência e diálogo, a Escola da Floresta conquista jovens e adolescentes que por ali passam.

Durante a pesquisa, tivemos a oportunidade de acompanhar um grupo de estudantes de uma escola municipal que passava o dia na Escola da Floresta. A alegria de estar num espaço tão bonito e agradável misturava-se à seriedade com que esses alunos discutiam problemas ambientais em uma roda de conversa, revelando o quanto era significativo, para eles, aquela experiência.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi o compromisso e a coesão da equipe de educadores da Escola. Desde a coordenadora, Clarice, que vem de uma larga experiência e militância em prol da educação ambiental até Seu Mucura, líder dos seringueiros e hoje educador do Projeto, passando pelas cozinheiras que preparam uma deliciosa comida para os visitantes, todos se mostraram comprometidos e felizes com o trabalho que realizam na Escola da Floresta.

Esse compromisso pode ser comprovado na forma carinhosa e cuidadosa com que recebiam os visitantes, tanto os alunos como outros grupos, como foi o caso de nossa equipe de pesquisa.

Também se ressalta, nessa experiência, a dimensão social da proposta que não se reduz a “dar aulas sobre educação ambiental”, mas a mudar posturas e atitudes através da experiência e da convivência com e na floresta.

Esse compromisso traduz-se, também, numa articulação com outros municípios da região, para que a questão ambiental seja um compromisso de todos e não apenas de um pequeno grupo.

Nessa direção, a equipe da Escola da Floresta estava organizando uma Mostra de Educação Ambiental, a ser realizada, ainda em 2010, com a participação de outros municípios da região. A Mostra, segundo a coordenadora Clarice nos informou, tem a função de socializar experiências desenvolvidas em cada município e fortalecer uma articulação regional. A Mostra, inclusive, será realizada em um município vizinho a Santarém, para divulgar e espalhar essa proposta para toda a região.

Mas se a articulação regional é um aspecto bastante positivo, percebemos que um dos grandes desafios é uma articulação mais constante e duradoura com as escolas que visitam o Projeto.

Cada turma fica um dia na Escola da Floresta, sempre acompanhada de um professor, mas não há um mecanismo consistente de acompanhamento do trabalho de educação ambiental dessas escolas depois da visita. Assim, os resultados do trabalho não podem ser dimensionados, dependendo do desejo e do compromisso de cada escola. Também não percebemos trabalho sistemático voltado para a formação dos professores e nem uma articulação com outros projetos de educação ambiental da própria secretaria, como o Agenda 21.

Apesar desses desafios, a Escola da Floresta se firma como uma proposta inovadora, reconhecida nacional e internacionalmente. Em seus dois anos de existência, o Projeto já foi visitado por uma comitiva de embaixadores da União Européia, em novembro de 2009 ([www.para.gov.br](http://www.para.gov.br), acessado 15/05/2010) e pela educadora Donna L. Goodman, da organização norte-americana ECI – Earth Child Institute (Instituto Terra Criança) em março de 2010. ([www.santarem.pa.gov.br](http://www.santarem.pa.gov.br), acessado em 15/05/2010)

### III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Durante toda a pesquisa, nossa equipe pode perceber aspectos bastante inovadores na experiência do município de Santarém, no que se refere à busca de uma educação integral de seus estudantes. Nesse sentido, alguns aspectos merecem ser destacados, pois revelam avanços e desafios na busca de garantir uma educação integral.

#### A - A dimensão dos sujeitos

Pode-se perceber, em Santarém, um Projeto Político de Educação e um compromisso para que esse projeto realmente se efetive na prática. Mais do que apenas melhorar o desempenho escolar, o que já é uma meta importante a ser cumprida, a Secretaria Municipal de Educação organiza e desenvolve suas ações, tendo como referência a realidade social, econômica e cultural da Amazônia. Nessa perspectiva, os sujeitos, em seu contexto sociocultural, estão no centro da política municipal de educação.

As propostas pedagógicas têm um enraizamento na cultura regional, possibilitando que as escolas se transformem em um centro de cultura viva para comunidades que, em sua maioria, se encontram bastante isoladas. Nesse sentido, as caravanas, estratégia bastante utilizada por todos os Projetos, cumprem essa função de possibilitar às comunidades mais distantes o acesso à arte e à cultura.

Importante destacar o papel das caravanas como exemplo para a construção de políticas adequadas à realidade de cada município, na perspectiva dos arranjos educativos locais, pois, se não fossem elas, seria muito difícil atingir uma população tão dispersa geograficamente como é a de Santarém.

Outro aspecto importante reside no fato de que essas caravanas não estão dirigidas apenas para os alunos da escola. Nas caravanas, participam todos da comunidade: pais, moradores, professores. Tivemos a oportunidade de observar, na caravana da qual participamos, alunos ensinando professores a desenhar, pais cantando junto com seus filhos, estudantes de várias séries, juntos num mesmo trabalho.

Também durante as oficinas do projeto Arte na Escola, pudemos presenciar situações semelhantes, como no caso de uma criança com deficiência que, mesmo não estando inscrita na oficina, gostava de estar ali, sendo acolhida pelo educador e pelos alunos participantes do Projeto ou de outra adolescente que, todos os dias, levava a irmã mais nova para participar do Projeto e ali permanecia, não apenas como ouvinte, mas ajudando o arte educador, como uma espécie de "monitoria espontânea". Em outra escola, as mães reivindicaram uma oficina para elas poderem aprender artesanato, o que foi prontamente atendido pela educadora. E é interessante observar que as mães que podiam, continuavam participando da oficina de seus filhos e muitos filhos participavam também das oficinas dirigidas a suas mães.

Toda essa interação parece revelar um envolvimento dos Projetos com a comunidade e um envolvimento das comunidades com os Projetos. Tal envolvimento, inclusive, é destacado pela professora Lucineide em sua entrevista:

*Eu estou percebendo aqui um desenvolvimento muito maior da comunidade, por uma adesão ao trabalho que vem sendo feito na escola e acompanham o trabalho que vem sendo feito pela Secretaria Municipal de Educação, eles sabem o que está acontecendo, desde a alimentação, os*

*programas. Os diretores têm feito pesquisas e o que mais aparece, mais marca é o projeto Arte na Escola porque envolve também a família, porque o menino aparece em casa tocando um instrumento, treinando a flauta e a família já partilha também. Essa maneira de fazer, envolvendo a comunidade... um desafio, um modelo de pensar a educação... que não tem um modelo que sirva para outra, cada bairro tem sua realidade... aquela escola precisa, dentro do seu contexto, encontrar o seu caminho e junto com a comunidade encontrar os espaços, se uma atividade não der certo, vai buscar uma outra...*

Podemos concluir, pelos dados da pesquisa, que há uma centralidade dos sujeitos – entendidos como sujeitos socioculturais – na experiência de Santarém.

## **B – Espaços**

Como já destacado, em Santarém, os projetos vão para além dos muros da escola, ocupando praças, parques e até os rios. As caravanas lhes dão essa mobilidade espacial.

Outro momento no qual essa “ocupação social” do Programa aparece é durante as inúmeras atividades culturais da cidade, que sempre contam com a participação dos estudantes e educadores dos Projetos, como nos revela a professora Lucineide:

*Tem uma experiência aqui (...) que é o festival de Fanfarra, na abertura da semana da pátria, na orla da cidade e é uma experiência muito bonita. Nós temos uma escola aqui na região de Rios, Lago Grande, e estava com um pouco de dificuldade com os meninos. É uma vila muito longe de Santarém, quase 12 horas de barco e os meninos com baixa autoestima, problemas na escola e o diretor começou a trabalhar com a fanfarra o que mudou aquela realidade. Eles vêm para cá e já foram campeões nos festivais, eles vêm, um barco cheio, com a torcida toda, a comunidade vem junto, vem um barco cheio de Igarapé do Costa com a torcida inteira no festival de canto. Vêm mães, pais, para prestigiar os meninos e essa importância da comunidade. Temos, também, um trabalho aqui que é o Rádiateleeducação em parceria com a Rádio Rural de Santarém, que já recebeu prêmio do UNICEF mais de uma vez, acontece aqui e na Zona de Rio, na Floresta onde os meninos são repórteres, eles gravam os acontecimento na comunidade, bem equipados, mandam sua fita e a reportagem é veiculada no programa Rádiateleeducação; fazem novela e mandam para o programa, é veiculada, as pessoas escutam e mandam cartas, é uma coisa bonita. Então tem essa participação das comunidades, das crianças.*

Quando estávamos em Santarém, acontecia a XIX Mostra de Teatro e uma das peças apresentadas, Dona Baratinha, era resultado das oficinas de teatro do projeto Arte na Escola da Gente. Da mesma forma, o festival da Canção Infantil de Santarém conta tanto com os participantes das oficinas de música como do público em geral.

O espaço da floresta transforma-se em espaço educativo, assim como o parque e as praças da cidade. E essa é uma escolha política, como ressalta a Secretária de Educação em sua entrevista:

*(...) não vejo como fechar no espaço e ficar a criança na escola os dois tempos. Me lembra muito os internatos, penso que pode cansar um pouco. Acho que a criança precisa ter contato com a realidade, do entorno, precisa trocar experiências para além da escola. Eu penso que a grande riqueza é adquirir essa experiência para além dos muros da escola, porque você aproveita e transforma essas experiências. Quando você faz um trabalho no entorno da escola você acaba abrindo muito mais para a comunidade, as oficinas nos bairros, nas praças, o encontro das crianças no barracão da comunidade, na associação dos moradores, na igreja do bairro, para ele ter contato com as pessoas que convive ou não, com quem não convive, que está naquele bairro e não convive com as pessoas. Talvez essa oportunidade de convivência, do conhecer (...) faz com que a comunidade possa olhar diferente para a escola. Não só o olhar da escola para a comunidade, abrir para a comunidade, da comunidade olhar para a escola e vir participar um pouco mais, e não com aquele chamado que ela recebia antes – para uma reunião de pais, que o aluno não vai bem na escola, chamar para dizer que está com problema e precisando de ajuda – é chamar para compartilhar saberes, olhares, talentos, oportunidades. Porque uma pessoa que vai partilhar com uma criança, com um grupo, a contação de história, a tocar um instrumento, ele também está partilhando sua vida e abrindo espaço para seu conhecimento (...). Os bons exemplos têm que ser partilhados para que possam ser exemplos para as crianças, porque, às vezes, o que falta para aquela criança é uma referência... às vezes está bem perto, é um vizinho e ele nunca viu.*

A proposta se caracteriza por ocupar os espaços da cidade, não só como espaços físicos, por falta de lugar nas escolas, mas como espaços sociais, construindo, assim, um sentimento de pertencimento à cidade, entendida como um grande espaço educativo.

## **C – Tempo**

Ressalta-se que, em Santarém, a ampliação do tempo não é o eixo central da experiência. O tempo é estendido para atender às necessidades de uma ampliação das dimensões de formação, aspecto central em todos os Projetos desenvolvidos.

O projeto Arte na Escola da Gente acontece no contraturno escolar, mas os alunos vão em casa e voltam para participar das oficinas. As caravanas acontecem nos fins de semana, fazendo com que o tempo escolar seja expandido para sábados e domingos.

Os projetos Casinha de Leitura e Agenda 21 acontecem, muitas vezes, no turno regular, mas também têm atividades desenvolvidas no contraturno. Para viver a experiência de educação ambiental na Escola da Floresta, os estudantes permanecem ali o dia todo.

Assim, a ampliação do tempo, aspecto que nas atuais políticas públicas federais de educação é determinante para a caracterização de uma experiência como educação integral, não aparece como destaque em Santarém, fazendo, por exemplo, com que muitos projetos do município não se enquadrem no que o FUNDEB define como educação integral.

Nesse sentido, a experiência de Santarém traz-nos uma importante reflexão sobre a necessidade de se construir outros critérios e indicadores para se definir o que caracteriza uma experiência de educação integral, adaptando-os às realidades

apresentadas, aspecto que o relatório da primeira fase -parte quantitativa - dessa pesquisa já assinalava:

(...) o Decreto nº 6.253/2007, em seu artigo 4º, define educação básica em tempo integral, para fins de repartição dos recursos do FUNDEB. Entretanto, para além do objetivo de distribuição de recursos, torna-se necessário que se desenvolvam outros critérios e indicadores relacionados ao tempo integral, abarcando também aspectos qualitativos, dispostos, se possível, no ordenamento jurídico voltado para a área educacional, de modo a que os mesmos venham a contribuir para que o tempo integral se constitua como estratégia voltada para o real desenvolvimento da educação integral.

O modelo desenvolvido em Santarém é um exemplo dessa necessidade, pois, apesar de não ter a ampliação do tempo como eixo norteador, apresenta outros elementos que se aproximam de uma experiência de educação integral.

## **D – Atividades**

Destaca-se, como primeiro ponto no que se refere às atividades, que elas não são escolhidas de forma aleatória, têm um eixo comum: a valorização e a preservação de dois patrimônios regionais: a cultura e o meio ambiente, como ressalta a professora Lucineide em sua entrevista:

*Eu tenho um arte educador de artes plásticas que é um dos melhores daqui da região e ele tem um trabalho com material da natureza – outra questão importante aqui é a questão ambiental, a nossa convivência com o homem e a mulher da Amazônia, preservamos muito esses valores da terra, da nossa cultura, procuramos valorizar muito, nosso lado amazônico e o espaço privilegiado onde vivemos. Tentamos resgatar isso como uma forma de construir uma nova cultura ambiental. Trabalhamos com a arte mas não dissociamos, ela está interligada. Então nossa preocupação é não fazer isso apenas por fazer, mas é ter sempre em mente qual é nosso objetivo maior. Então todo o nosso pessoal aqui, quando discutimos com eles, qual é o nosso foco. Por isso trabalhamos integrados, nossa política busca sempre essa integração, sem perder de vista esses valores que defendemos.*

Essa mesma idéia aparece no depoimento desse arte educador:

*Bom, no meu caso eu trabalho com artes plásticas, a gente tem um espaço adequado de oficinas, mas antes a gente prepara os alunos, a estrutura psicológica e pedagógica deles para que ele possa receber as oficinas práticas (...). O ambiente, o local também é muito importante, porque eu gosto de trabalhar com o meio ambiente, com essa metodologia ambiental. Eu não gosto de prender muito o aluno dentro de uma sala de aula, gosto sempre de estar saindo e procurando observar cores, movimentos, o cotidiano também das pessoas da comunidade em si, justamente para orientar a criança para que ela possa tirar um fruto do que ela está vendo da realidade, para então passarmos para a prática.*

As atividades, portanto, são instrumentos para um processo de formação mais ampla dos estudantes, como destaca esse mesmo arte educador:

*Então eu sinto que é isso mesmo e não deixar ser a arte pela arte, porque ela vai ver que é significativo para ela, que vai melhorar o pedagógico dela (da criança), o desenvolvimento dela, se a família não está contente com ela, ela com a família, ela consigo mesma, o encontro com ela e por que que ela está ali, pesquisando, aprendendo uma música. Então eu vejo esse encontro, a gente e eles sentem esse encontro de trabalhar com a sensibilidade deles e da criança consigo mesma, porque ela se sente valorizada. Imagine uma criança lá da periferia, a gente levar para apresentar um espetáculo de cultura num palco público, onde cantores internacionais se apresentam ali. Levar uma criança na orla para ela fazer e mostrar o que faz em artes plásticas. Então isso é maravilhoso, quando a gente vê esse momento: ela, além de estudo, ela se encontra consigo mesma, ela tá ali, ela pode fazer, ela pode procurar o que mais gostar e levar para a vida dela e vai desenvolvendo com várias opções e escolher o que mais gosta. (arte educador)*

*(...) porque a gente não está aí não só para trabalhar com a nossa arte que é a dança, o teatro, a flauta, outra artes, mas sim para estar orientando o aluno como pessoa, como cidadão que vive numa sociedade. (arte educador)*

Com atividades variadas acontecendo nos mais diferentes espaços e envolvendo estudantes, pais e moradores dos bairros e comunidades, a experiência ganha contornos diversificados, rompendo com um formato único de desenvolvimento de atividades.

## **E - Gestão e Financiamento**

Não tivemos a oportunidade, durante a pesquisa de campo, de saber o custo/aluno de cada projeto porque o desenho dos vários projetos dificultam o levantamento desses dados.

Alguns projetos contam com parcerias, como é o caso do Casinha de Leitura e a Escola da Floresta, mas, segundo a Secretária de Educação, a grande maioria do recurso é pública:

*Temos parcerias, mas a maior parte é feito com dinheiro da educação. Você sempre fala que não dá o recurso, que não pode fazer, mas se gerenciar bem o dinheiro, se tiver zelo e não fizer outras coisas com o dinheiro da educação, dá para fazer muito ainda. É pouco recurso, mas dá para fazer muita coisa. Hoje tenho certeza de que isso é possível.*

Apesar dessa fala, pudemos perceber que um dos problemas enfrentados em Santarém diz respeito aos baixos salários dos educadores do Projeto, que, muitas vezes, abandonavam os projetos e se engajavam em outra Rede de Ensino ou outro trabalho por motivos salariais.

Além da questão salarial, parece que o maior desafio a ser enfrentado por Santarém diz respeito à normatização das experiências, porque não há nenhum tipo de normatização ou regulamentação das experiências vividas em Santarém.

Na entrevista, quando perguntada sobre as formas de normatização do Programa Escola da Gente, a Secretária de Educação ressalta que a principal garantia da proposta está na participação e envolvimento dos pais:

*a maior garantia do projeto é a adesão da comunidade, a adesão dela é mais difícil mudar. Hoje se chegar alguém aqui que trabalhe de forma*

*diferente com a alimentação escolar, por exemplo, não chegue como chega hoje, com a qualidade que ela tem hoje, certamente vai ter muito problema, porque hoje todos os municípios recebem alimentação de qualidade. Então hoje nós temos uma política que vai cristalizando, se estabelecendo e a comunidade acompanha como é feito isso, você faz prestação de contas pública – quanto tem de recurso para comprar, o que está comprando, faz pesquisa sobre o cardápio – o que estão ou não gostando, se os pais estão gostando do que as crianças estão comendo e antes as crianças não comiam na escola; as mães vêm comentar do que estão gostado na merenda escolar – eles acompanham porque comentam e brincam que as crianças não comem mais em casa...*

Mas se a participação da comunidade é um aspecto fundamental para a garantia do projeto, sabemos que uma política pública, para se consolidar como direito de todos, precisar deixar de ser política de governo para ser uma política de Estado. Inclusive, esse foi um dos aspectos apontados pelos entrevistados, quando perguntados sobre as dificuldades enfrentadas:

*Nós não instituímos o projeto como uma ONG, ele não tem CNPJ e a mantenedora é a Prefeitura de Santarém. Não sabemos se o próximo governo vai dar o mesmo apoio, ter o mesmo compromisso. (professor. Jefferson, coordenador do Casinha de Leitura)*

Outro ponto frágil dos projetos, no que se refere à gestão, diz respeito à forma de contratação da equipe de educadores. Se por um lado, um dos aspectos mais positivos de todos os projetos observados, foi o compromisso e envolvimento dos educadores; por outro, não pudemos perceber formas de garantir a permanência dos educadores de alguns projetos. A equipe de educadores está ligada diretamente à Secretaria Municipal, o que possibilita um maior entrosamento entre todos. Por outro lado, muitos dos educadores não são efetivos, sendo que seu contrato deve ser renovado a cada ano, não garantindo, assim, uma continuidade do processo. Percebemos que muitas das ações desenvolvidas, como as caravanas nos fins de semana, dependem do compromisso político dos educadores, já que eles não têm as condições de trabalho garantidas: transporte próprio, hora extra por trabalhar no fim de semana, etc.

Essa falta de condições não inviabilizou o projeto, já que toda a equipe assumiu o trabalho com responsabilidade e compromisso, mas entendemos que uma experiência tão rica como essa não pode depender apenas da boa vontade da equipe, precisa estar cada vez mais enraizada na prática e no cotidiano das escolas.

A articulação com as escolas, inclusive, aparece como desafio para alguns projetos. As oficinas, as visitas a Escola da Floresta e as caravanas são ricas experiências, os quais correm o risco de se transformarem em importantes eventos, mas sem uma continuidade no cotidiano escolar. Em alguns projetos, há pouco investimento na formação de professores das escolas municipais, para que possam dar continuidade ao trabalho iniciado pelos educadores dos Projetos. Assim, é difícil saber se há uma continuidade no trabalho de Educação Ambiental iniciado na Escola da Floresta ou se a arte continua tendo um lugar relevante na escola, quando termina uma Oficina do projeto Arte na Escola da Gente.

Nesse sentido, os projetos Casinha de Leitura e Agenda 21 parecem ter uma maior preocupação com a formação dos professores e a garantia da inserção da experiência no cotidiano escolar. No caso do Arte na Escola da Gente e da Escola da Floresta, isso parece ser, ainda, um desafio a ser superado.

Essa é uma preocupação da Secretaria, como nos informa a professora Edvana:

*Outra coisa que ainda (...) incomoda é que não está chegando na zona rural de forma ... a gente passa um dia na escola, mexe com a comunidade, leva coisa diferente e na semana seguinte sai da escola. Mas se a diretora tiver iniciativa ela continua, se ela não tiver foi só um dia diferente.*

E, por fim, ainda no campo da gestão, está o desafio de uma articulação mais orgânica entre os diversos Projetos. Notamos, por exemplo, que, apesar da Escola da Floresta e do projeto Agenda 21 terem como eixo a educação ambiental, há pouco diálogo entre eles.

As escolas sentem isso e, muitas vezes, têm dificuldade de articular todos os projetos. E agora, com a entrada do Projeto Mais Educação, com macrocampos voltados para arte, esporte e meio ambiente, é preciso que tal articulação se faça de forma mais estreita, para racionalizar recursos, tanto materiais como humanos, e garantir uma educação integral para todos.

Também percebemos que há certa dificuldade no monitoramento dos estudantes que fazem parte dos diversos projetos. Tivemos a oportunidade de conversar com um aluno que participa de três projetos simultaneamente, enquanto outros não estão inscritos em nenhum.

Não conseguimos ter uma lista dos alunos envolvidos em todos os Projetos, o que parece, inclusive, ser uma dificuldade da própria Secretaria, que já pensa em formas de superar esse problema. É o que nos informa a prof. Edvana, em sua entrevista:

*Há uma preocupação, inclusive, eu tenho conversado (...) sobre isso de ter mais à mão quem é quem, por série mesmo, para levantar por departamento quantas crianças cada projeto atende: atende 30, e o Casinha vem atrás e atende quantas e de que forma a maioria pode participar. A secretária tem pensado – depois que a gente voltou dos 4 anos – em criar uma equipe de assessoramento (...). Pensar os resultados desse projeto, o nível de atendimento, a qualidade do atendimento, as dificuldades, mas com todo mundo, de todos os projetos – porque eles pensam isso, avaliam, eles tem dificuldade, tem isso muito claro, sabe, o que esta faltando em algum contexto... mas não chega na Secretaria... eles fazem as atividades, o planejamento deles, tem avaliações escritas, mas a gente não tem.*

## **F – Avanços e desafios da experiência de Santarém**

É possível perceber, em Santarém, a construção de uma importante e significativa experiência de Educação Integral.

Construindo uma política educacional com referência na realidade da região, entendendo o Rio e o Planalto como territórios educativos, envolvendo a comunidade nas atividades da escola e a escola nas atividades da comunidade, a experiência de Santarém aponta para uma concepção de educação integral que tem como centro os sujeitos da educação.

Nesse sentido, a experiência vai na direção do que propõe o texto de referência para o debate de educação proposto pelo MEC, quando diz que:

*Pensar e praticar a educação, como exercício da vida, implica reconhecer diferentes sujeitos de diálogo presentes no universo social. Tal afirmação precisa ser traduzida como superação da condição de objeto de aprendizagem a que são reduzidos os estudantes e suas comunidades, própria de algumas concepções de escola, do autoritarismo pedagógico e da homogeneidade cultural, para a afirmação e constituição de sujeitos em aprendizagem; fundamento de uma educação democrática e republicana.*

*Promover o encontro entre modos diferentes de existir configura-se no desafio de constituir visibilidades das diferenças como matéria necessária à constituição do ser, de construção de identidades (pessoais, culturais, políticas, religiosas e sociais e de reconhecimento e respeito do outro. Nesse sentido, o encontro de diferenças e de diferentes nos conduz a diálogos possíveis para experiências comunicativas, indispensáveis para uma educação que se quer integral e integradora. (MEC/SECAD, 2009:46)*

Em Santarém, a experiência atravessa os muros da escola, revelando uma integração com a cidade. Integração que, como o texto de referência destaca:

*(...) não passa apenas pela possibilidade de deslocamento das atividades de dentro da escola para fora da escola. Sair da escola não significa simplesmente aprender os conteúdos curriculares em outro lugar, com uma aparência mais atrativa e moderna – significa ir além e abrir possibilidades concretas para que os assuntos que interessam às crianças e aos jovens e aqueles assuntos que preocupam a comunidade sejam objeto do trabalho sistemático da escola. (MEC/SECAD, 2009:47)*

A experiência de Santarém nos ensina, na prática, o sentido que ganham, na atualidade, os territórios educativos, que, como destaca o texto de referência do MEC:

*(...) é importante que a escola reconheça os outros territórios do exercício da vida, do conhecer e do fazer. Assim, a Educação Integral, em questão, não se restringe à possibilidade de ampliação do tempo que a criança ou o jovem passa na escola, mas à possibilidade de integração com outras ações educativas, culturais e lúdicas presentes no território e vinculadas ao processo formativo. Dessa forma, busca garantir a eles o direito fundamental à circulação pela cidade, como condição de acesso às oportunidades, espaços e recursos existentes, como direito à ampliação contínua do repertório sociocultural e à expressão autônoma e crítica da sociedade e como possibilidade de projeto mais generoso de nação e de país. (MEC/SECAD, 2009:47)*

O resultado da abertura da escola para sua realidade social é detectado também no desempenho escolar dos estudantes. Em Santarém, os dados do IDEB, que revelam um aumento significativo da qualidade da educação na Rede Municipal, confirmam o sucesso dessa experiência, que tem como principal desafio, detectado na pesquisa, consolidar-se como uma política de Estado, sem perder sua maior riqueza: o enraizamento cultural nas várias realidades do município e a participação e o compromisso político dos diversos sujeitos dessa experiência.

## IV – REFERÊNCIAS

---

### Documentos consultados

- Relatório técnico da avaliação in loco da experiência Escola da Gente de Município de Santarém. MEC/INEP, 2009.
- Texto de referência de Educação Integral. MEC/SECAD, 2009
- Relatório final da pesquisa: Educação integral/educação integrada e(m) tempo integral: concepções e práticas na educação brasileira: Mapeamento das experiências de jornada escolar ampliada no Brasil. MEC/SECAD.Brasília, 2009

### Documentos fornecidos pela Secretaria de Educação - SEMED

- Relatório: Informações Municipais SEMPLAN/CIA (Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral – Setor de Pesquisa e Informações Municipais/ 2008. Secretaria Municipal de Educação e Desporto – Semed. Santarém-PA, 2009.
- Relatório Ações Desenvolvidas: Espelho do Projeto Arte na Escola da Gente, 2005 a 2009. Secretaria Municipal de Educação e Desporto – Semed. Santarém-PA, 2009.
- Relatório Ações Desenvolvidas: Agenda 21, 2008/2009. Secretaria Municipal de Educação e Desporto – Semed. Santarém-PA, 2009.
- Relatório Ações Desenvolvidas: Escola da Floresta, 2008/2009. Secretaria Municipal de Educação e Desporto – Semed. Santarém-PA, 2009.
- Relatório Ações Desenvolvidas: Casinha de Leitura .2006 à 2009. Secretaria Municipal de Educação e Desporto – Semed. Santarém-PA, 2009.
- Folder Programa Agenda 21 na Escola da Gente, 2008 - Coordenação de Educação Ambiental- Prefeitura Municipal de Santarém Secretaria Municipal de Educação e Desporto – Semed. Santarém – PA, 2008
- Quadro demonstrativo de número de alunos matriculados por série e região na Rede Municipal de Ensino. Secretaria Municipal de Educação e Desporto – Semed. Santarém-PA, 2009.

<http://www.inep.gov.br/>

<http://www.edudatabrasil.inep.gov.br/>

<http://www.santarem.pa.gov.br>

<http://portal.mec.gov.br>